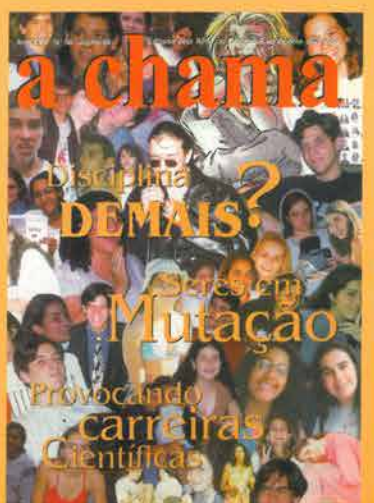
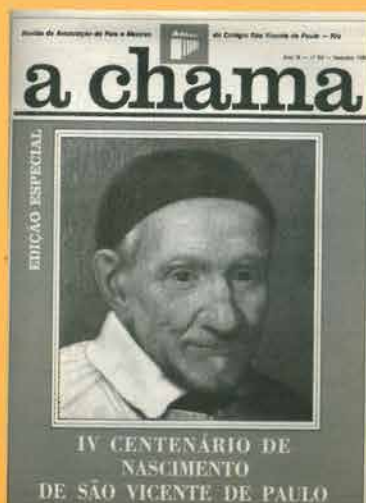
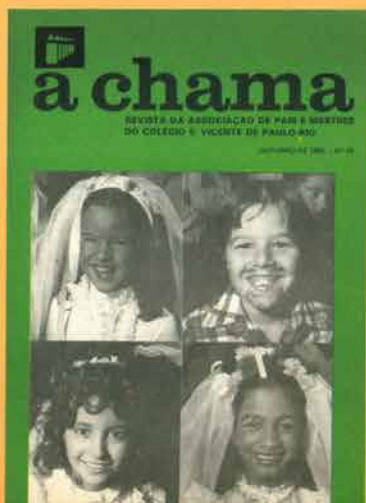
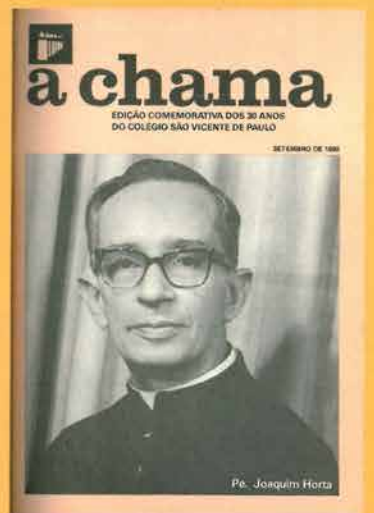
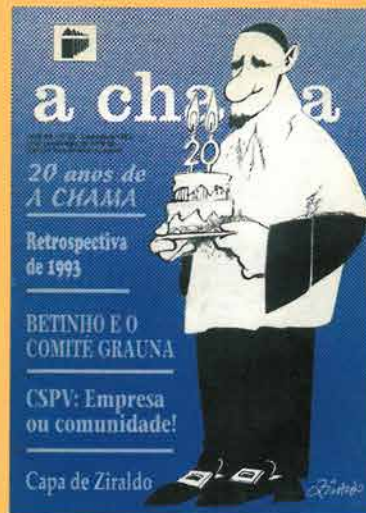


a chama

25 ANOS



Escola de Educação Infantil e Alfabetização



ATCHIM

Escola de Educação Infantil & Alfabetização

DE 3 MESES A 6 ANOS

- De janeiro a dezembro
 - Horário parcial e integral
 - Atendimento especial pela manhã para crianças que estudam à tarde no **Colégio São Vicente de Paulo**
 - Café da manhã
 - Orientação para os deveres
 - Natação (duas vezes por semana)
 - Oficina de leitura (duas vezes por semana)
 - Artes
 - Recreação livre
 - Banho
 - Almoço
- Opcional:
- Condução
 - Ballet
 - Judô
 - Capoeira

32 ANOS
em atividade

O ATCHIM trabalha estimulando e preparando crianças, infundindo-lhes valores éticos para que sejam os cidadãos equilibrados do terceiro milênio, capazes de agir corretamente, trabalhando pela paz num mundo globalizado.

**Funcionamos
durante doze meses,
sem férias**

Creche: 266-0046 - Humaitá

Pré-escola: 539-0046 - Jardim Botânico

www.atchim.com.br

SUMÁRIO

- 2 1995-1998:
quatro anos à frente da APM
- 4 *Na origem da revista A Chama,
a luta pela educação libertadora*
- 5 *Uma Chama acesa há 25 anos*
- 6 *Se não fosse A Chama!*
- 8 *Um retrato do CSVP
ao longo do tempo*
- 20 *Parceria família/escola: do
“fast-food” à “mesa da partilha”*
- 22 *O trabalho em equipe
e a autonomia relativa
dos alunos do 1º grau*
- 24 *Família Vicentina*
- 25 *Você estará lembrado...*
- 29 *Você estará lembrado... /
Especial 25 Anos*
- 36 *Eles são sinônimos de talento*
- 39 *Uma câmera na mão
e mil idéias na cabeça*
- 40 *Atenção, Pare!*
- 44 *“O Colégio não
pode mudar sozinho...”*
- 46 *Sétimo Tempo:
um espaço para construção*
- 48 *Disciplina é 10!*
- 53 *Desigualdades mundiais*
- 54 *Associação de Ex-alunos
está de volta!*
- 56 *Muito sentimento, alegria e paixão*
- 62 *Olimpíadas 98*
- 64 *Cartas*

Fotos desta edição:

Stan, George Fanti e arquivo CSVP

Editorial

Neste último número d'A CHAMA editado pela atual APM, queremos agradecer a dedicação, o empenho e a seriedade de todos os participantes da nossa diretoria, o que permitiu que levássemos a cabo essa empreitada. A heterogeneidade de pensamento dos membros nos permitiu refinar nosso trabalho e nos aprimorou como pessoas, de modo que pudemos levar o melhor de cada um de nós para o CSVP.

Agradecemos também aos coordenadores, professores, funcionários e aos dirigentes dos diversos grêmios de alunos, que nos ajudaram na medida de suas possibilidades.

Prestamos nossa homenagem especial aos professores, na pessoa do professor João Carlos (Joka), a quem citamos como um símbolo do corpo docente do CSVP, por seu apoio fraterno e entusiástico no auxílio aos coordenadores, professores, alunos e funcionários para melhor utilização da informática. Ele foi certamente um dos nossos grandes parceiros, a quem somos particularmente gratos por seu trabalho generoso na informatização da biblioteca.

Esses quatro anos possibilitaram-nos ver a escola “por dentro” – suas dificuldades e peculiaridades, somadas aos interesses dos diversos segmentos que a compõem – e nos ajudaram a entender um pouco seus avanços e recuos. O objetivo de todos é o aprimoramento da instituição Colégio São Vicente de Paulo. A forma de conseguir, o caminho a ser percorrido e o tempo necessário para atingir esse objetivos nem sempre são consensuais, o que leva a discussões e conflitos.

Levamos conosco a certeza de termos dado a nossa contribuição de pais para que o CSVP continue sendo um dos grandes colégios do Rio de Janeiro.

Walter e Lucília Hess

a chama

Revista editada pela APM - Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXV - Nº 57 - Dezembro / 1998
Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho
Tel. (021) 556-0796 - CEP 22241-090 - Rio de Janeiro - RJ

Supervisão editorial:

Pe. José Pires de Almeida, Walter Hess e Lucília Hess

Editoração:

Gustavo Barbosa e Vanja Freitas

Edição visual:

Conceito Comunicação Integrada (021-507-6168)

DIRETORIA DA APM

Casal Presidente:

Walter Luiz Hess e Lucília Marta Nehab Hess

Casal Vice-Presidente:

Sérgio Germano Santos e Gilda Maria Graciosa Germano

Casal Relações Públicas:

Sérgio Munck Machado e Carmen Beatriz Silveira

Casal Tesoureiro:

Ricardo Santos Motta e Maria do Carmo Rocha Motta

Idéias e questionamentos, reflexões sobre os problemas que sentíamos e sugestões objetivas para possíveis soluções – foi o que desde o início de nossa gestão procuramos levar à diretoria e a toda a comunidade do Colégio São Vicente de Paulo.

Algumas propostas, não conseguimos levar adiante. Foi o caso de uma sugestão nossa para que fosse mantida, todos os meses, a doação mensal de alimentos para o Projeto Graúna. Outras, tivemos de esperar um bom tempo para viabilizar, como a reforma, modernização e ampliação das bibliotecas: só depois de dois anos tivemos verba suficiente para o projeto.

Enfim, como em tudo na vida, estar à frente da APM foi um período de alegrias, sofrimentos, idéias, inquietações, convivência, diálogo, conflitos, sonhos realizados e decepções.

Nestas páginas, um pequeno balanço. Os trabalhos que conseguimos implementar, temos certeza, mudaram de alguma forma o Colégio São Vicente de Paulo. Temos consciência de que muito foi feito e muito ainda há por fazer. Desejamos que a próxima administração consiga realizar seus projetos, sempre ajudando o CSVP na sua caminhada.

1995
1998

Drogas: como enfrentar

Um dos primeiros grandes problemas que enfrentamos juntos com a Escola foi a questão da droga entre alunos do CSVP. Em uma reunião muito tensa da APM, no mês de maio de 1995, esse problema foi levantado e amplamente debatido, inclusive com a presença de representantes dos alunos. Resultou daí o início da ação, talvez pioneira, de enfrentar sem meias-palavras o problema do consumo de drogas pelos estudantes. Uma primeira consequência foi o projeto *Face a Face*, que gerou uma série de questionamentos e ações, inclusive com relação ao tabagismo nas dependências do Colégio.

Nova entrada dos alunos

A segurança das pessoas dentro do Colégio é uma responsabilidade da instituição, mas é um problema de todos nós: pais, alunos, diretores, professores e funcionários. Por isso, lutamos com sucesso pela mudança da portaria de entrada dos alunos, que permitiu melhor controle no acesso às dependências do Colégio.

Estranhos não entram

A proibição de entrada de pessoas estranhas (como os ambulantes que ficavam na porta do colégio) nas dependências do CSVP para utilização de seus banheiros foi também uma conquista conseguida no rastro do enfrentamento do problema das drogas.

Novas bibliotecas

A reforma física das bibliotecas foi idéia surgida na primeira reunião de nossa diretoria. Levamos dois anos juntando verba para a realização do projeto e após aprovação unânime do nosso projeto pela diretoria da escola, coordenações e corpo docente, iniciamos as obras em final de 1996 entregando as bibliotecas em 31 de março de 1997.

Para possibilitar a criação de um espaço atraente e com diversos ambientes foi realizado o projeto da Biblioteca do Menino Maluquinho (biblioteca dos pequenos) incorporando o espaço antes ocupado pela sala da APM. Para o projeto da biblioteca do 3º andar, a escola cedeu uma de suas salas de aula (sala 31) o que propor-

Quatro anos à frente da APM

cionou a ampliação da biblioteca já existente, amplamente modificada e inaugurada com o nome do saudoso professor vicentino Jorge Luiz. Computadores foram adquiridos e instalados, tendo sido também previsto um espaço para o audiovisual, idéia posteriormente abandonada pelo colégio. Na inauguração, Padre Almeida comentou bem-humorado: “Agora toda a escola precisa ser reformada, para não haver o contraste gritante do novo com o antigo”...

Ar condicionado central

Em 1996 levamos ao Padre Domingos a necessidade de instalação de um sistema eficiente de ar condicionado em toda a escola. Entregamos dois esboços; um com o aproveitamento dos aparelhos existentes e outro com a instalação de um sistema central. Na época, não foi possível realizá-los; porém neste ano o CSVP fez a instalação do tão almejado sistema central de refrigeração, que beneficiará a todos.

Expressão corporal

O trabalho de expressão corporal realizado no final de 1997 foi outra contribuição da APM para a melhoria do relacionamento dos jovens com seu corpo e sua sexualidade. Esse trabalho, por razões diversas, não teve continuidade em 1988.

No mês de novembro, com o apoio da coordenadora do 2º grau, Cristina Caldas, foi realizado um trabalho junto aos vestibulandos, para enfrentarem as provas do vestibular mais relaxados (porém não relaxados demais...).

Atividades culturais e festivas

A APM também participou ativamente de atividades extracurriculares, como as olimpíadas anuais, os teatros, o coral, as festas juninas, etc. Em várias ocasiões pudemos apoiar financeiramente as produções culturais dos alunos, especialmente o coral e os grupos de teatro.

Instalações

Certos de que a APM é uma associação que lida com idéias e questões, podendo se reunir em qualquer espa-

ço, abrimos mão por duas vezes das instalações que nos foram cedidas pelo colégio: a primeira vez para instalação do 2º laboratório de informática (o existente funcionava no andar acima), absolutamente necessário para os alunos e a 2ª vez para a ampliação da biblioteca dos pequenos. Nossas reuniões atuais são feitas na biblioteca dos maiores.

Reuniões com pais

Além das reuniões mensais com a direção do CSVP, abertas à participação dos interessados, iniciamos em 1997 uma série de encontros com os pais. Infelizmente, a pouca disponibilidade de tempo durante o ano de 1998 não nos permitiu dar continuidade a esses contatos com a regularidade que gostaríamos.

A experiência adquirida com esses encontros foi muito enriquecedora e deixamos para a próxima diretoria da APM a sugestão de buscar formas de reativação desses contatos no sentido de promover maior participação dos pais/mães de alunos do Colégio.

Aumento da anuidade

A APM acompanhou de perto os cálculos para aumento de anuidades. Mantivemos com a direção do Colégio uma discussão democrática, examinando minuciosamente os critérios utilizados, para manter os aumentos em níveis razoáveis.

Atividades curriculares e extracurriculares

Como “sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, de natureza educacional e cultural”, a APM mantém um diálogo constante com a direção e todo o corpo docente do CSVP, discutindo questões pedagógicas.

Coerente com a linha educacional seguida pelo Colégio São Vicente de Paulo, a APM vem se posicionando favoravelmente ao apoio de atividades extracurriculares.

Nessa linha de atuação, estamos colaborando com a instalação de recursos tecnológicos de apoio pedagógico, inclusive equipamentos de som e iluminação para o auditório.

A CHAMA
25
ANOS

O final dos anos 60 foi marcado pelo questionamento de costumes e valores em todas as áreas. Em plena ditadura militar, o Colégio São Vicente destacava-se como um espaço de educação libertadora. A abertura da educação em colégios católicos, como o São Vicente e o Sion, começou a ser violentamente criticada por setores conservadores, provocando manifestações de educadores e pais. Nesse cenário conturbado brotaram as origens desta revista.

Na origem da revista *A Chama*, a luta pela educação libertadora

Dezembro de 68: Padre Almeida aborda o pai de uma aluna recém-matriculada no São Vicente. Reconhecera seu sobrenome, por causa de uma carta publicada semanas antes no jornal *O Globo*.

O pai era Ivan Bustamante. A carta, assinada por sua esposa, Maria Célia Bustamante, respondia corajosamente a um artigo violento de Gustavo Corção contra a linha educacional do Colégio Sion e contra as propostas de renovação no ensino.

Embora tivesse laços de amizade com Gustavo Corção, que tivera uma participação importante na conversão de seu marido Ivan Bustamante ao catolicismo, Maria Célia reagiu com veemência. “Não podia deixar passar em branco aquele ataque contra o Sion, onde minha mãe, minhas tias, eu e minhas filhas havíamos estudado”, lembra ela.

NOVOS HORIZONTES

Em 69, o casal Bustamante já se destacava nas reuniões de pais do Colégio São Vicente, onde Maria Lúcia, a filha mais velha, passou a estudar. Em 72, eles passaram a fazer parte da direção da APM, mais dois filhos seus estavam no São Vicente (todos os cinco filhos foram alunos do Colégio) e Maria Célia resolveu fazer vestibular para jornalismo.

“Voltar a estudar abriu meus horizontes e percebi a necessidade de melhorar a comunicação no Colé-

gio. Logo em nossa primeira reunião na APM, em março de 73, lancei a idéia de uma revista ou um jornal, que finalmente saiu em 27 de setembro, na data do aniversário do CSVP.”

A CHAMA VEM AÍ!

Este cartaz, espalhado no Colégio, provocou expectativas. O primeiro número foi aguardado por todos. Quando chegou da gráfica, momentos antes da festa de aniversário do Colégio, o aspecto não era o que Maria Célia tanto esperava.

“Quase chorei. Mas fomos aperfeiçoando nos números seguintes, e dava gosto ver *A Chama* saindo cada vez mais bonita e vibrante.”

Hoje, às voltas com os netos e com o trabalho incessante que ela e o marido desenvolvem desde 1959 nas equipes de Nossa Senhora – movimento de casais que também ajudou a fundar – Maria Célia folheia com saudade as primeiras edições de *A Chama*.

CONTRIBUIÇÃO DECISIVA

“Algumas coisas que fizemos na revista me orgulham muito”, diz ela. *A Chama* contribuiu muito para que os pais de alunos se aproximassem mais do CSVP. Através de campanhas na revista, a APM conseguiu um sinal de trânsito em frente ao Colégio (ver matéria na página 40), além do portão, do ar-condicionado nas salas de aula e de uma série de atividades comunitárias.

“Houve uma mudança total na escola, na educação, no mundo”, observa. “Os desafios de hoje são ainda maiores. Os meios de comunicação de massa estão disseminando muita violência e falta de ética em todos os setores da sociedade. A comunicação na escola tem uma responsabilidade muito grande no contexto atual. É importantíssima a participação dos professores e dos pais, refletindo em grupo sobre os valores ligados à Educação. Nesse ponto a APM e, particularmente, *A Chama*, têm uma valiosa missão a cumprir.”

Uma Chama acesa há 25 anos

A Chama nasceu de um ideal e de uma necessidade.

Ideal porque todo o jornalista sonha com a oportunidade de criar um jornal ou uma revista, através do qual possa expressar opiniões, trocar idéias e pontos de vista e, sobretudo, promover maior comunicação no âmbito social ao qual pertence.

Necessidade porque, como vice-presidente da APM do Colégio São Vicente e, sobretudo como mãe de vários alunos, sentia falta de um conhecimento e de uma participação mais ativa entre as quase 2 mil pessoas que faziam parte da comunidade vicentina: padres, alunos, professores, funcionários, etc.

Participando da APM no período de 1973-74 e 1975-76, na gestão de Plínio e Léa Mendes, propus a criação de um jornalzinho que retratasse a vida do Colégio e cujo objetivo seria aprofundar a comunicação, estabelecendo um contato mais estreito entre os membros da comunidade.

A proposta, feita na primeira reunião do ano, só veio a se concretizar em setembro, quando, juntamente com o Pe. Almeida, decidimos lançar o primeiro número na comemoração do aniversário do Colégio, no dia de São Vicente.

Assim como a chama, o conhecimento não diminui quando é distribuído. Ele se expande.

Fui mãe e madrinha da *Chama*. Este nome foi escolhido pois considero a chama como o maior símbolo da comunicação. Sua cor amarelada me atrai, pois o amarelo é a cor de minha preferência.

Como signo, ela expressa calor, aquecimento, bem-estar, aconchego. Foi através do simbolismo da chama que consegui compreender a parábola da multiplicação dos pães (São João, Cap. 6: 1 a 14).

Estabeleço uma semelhança entre a chama e o conhecimento: quanto mais conhecimento transmito para os alunos, mais eles crescem; mas, o meu conhecimento não diminui, nem desaparece. Ele se expande, levando aos que o recebem uma oportunidade de crescimento com a informação que lhes é fornecida.

Nas tribos primitivas, o fogo era um bem compartilhado pela comunidade, ao mesmo tempo em que se ensinavam os mitos e tradições que deram origem ao cosmo e a todas as coisas que existem. A chama cresce e se expande na medida em que é repartida, e o seu calor permanece.

Este foi meu objetivo ao fundar *A Chama*. Levar ao conhecimento de todos os que freqüentam o São Vicente um pouco da vida ativa, rica e silenciosa que flui todos os dias pelas várias dependências do Colégio, para que ficasse registrada para a posteridade um pouco de sua história.

Sinto-me feliz pelo fato de *A Chama* ter permanecido acesa durante estes 25 anos. Como tudo o que é vivo, sua aparência mudou, suas características foram sendo alteradas, mas o que importa é que aquela Chama que acendemos ainda existe. Faço votos para que sua vida dure por muitos anos.

Maria Célia Bustamante (Fundadora da revista *A Chama*)

Se não fosse A Chama!

Ao completar 25 anos, a revista A Chama nos testemunha que, apesar das lacunas, vem atingindo o objetivo que os fundadores se propuseram desde o primeiro número: a escola em comunicação.

Foram editados 56 números; os 22 primeiros, encadernados em formato *in quarto*, atingem 416 páginas de matéria. Correspondem aos primeiros quatro anos e quatro meses (setembro de 1973 a dezembro de 1977). Os outros 34 foram editados entre abril de 1978 e junho de 1998, em formato de caderno, totalizando 762 páginas.

Em 1988, em lugar de *A Chama*, foram publicados quatro cadernos com o nome de *Chamativa*, totalizando 18 densas páginas. Em quase todos os exemplares, há que se destacar o cuidado com que foram confeccionadas as capas, muitas delas realmente artísticas.

O total de publicações oferece a modesta média de 2,28 por ano. Modesta sim, mas suficiente para se avaliar, de um lado, o esforço das sucessivas redações em manter viva a chama da comunicação; do outro lado, a dificuldade de publicação regular, uma vez que a revista não dispõe de infra-estrutura própria, estando sempre à mercê da boa vontade dos colaboradores.

Se o ideal e o objetivo continuaram estáveis, variaram bastante o sistema de edição e também o estilo da revista, assim como sua apresentação externa.

Comunicando, refletindo e agindo

Os 22 primeiros números foram devidos ao idealismo de Maria Célia Bustamante que, com o marido Ivan, constituiu o casal vice-presidente da APM durante quatro anos, e a quem coube realizar o projeto de mais de dez anos: criar um veículo de comunicação.

O número 1, de 27 de setembro de 73, veio a lume em forma de jornal, sem diagramação nem arte final; a partir do número 2 até o número 11, a revista tomou forma, recebendo em cada edição, a contribuição artística de Maria Lúcia, a Lula, e apareceu pontualmente a cada bimestre. Era então elaborada artesanalmente. Dali em diante, passou a receber roupagem mais sofisticada da Maity Comunicação Visual, assim permanecendo até o número 22.

A análise dos 22 primeiros números, devidos a Maria Célia, mostra não só a fidelidade ao propósito de comunicar, mas o empenho em fazer da comunidade do Colégio, através das páginas de *A Chama*, uma família em comunicação, reflexão e ação.

Entre pequenas e grandes informações, incluindo os acontecimentos



UMA EXPERIÊNCIA

Nossa vida é feita de experiências. Não necessariamente de grandes experiências, mas de pequenas e sucessivas experiências do cotidiano, que vão nos enriquecendo, nos tornando e preparando para o futuro.

A experiência nos ensina. Ensinamos a um filho ao fazê-lo ou ao fracassar. Assim também para o aluno que aprende a ler e a escrever. Não é suficiente a aula teórica, é preciso a prática. É a prática que nos dá a verdadeira aprendizagem.

Uma experiência nos ensina a lidar com o outro. É a experiência que nos dá a verdadeira comunicação. É a experiência que nos dá a verdadeira compreensão. É a experiência que nos dá a verdadeira participação. É a experiência que nos dá a verdadeira responsabilidade. É a experiência que nos dá a verdadeira solidariedade. É a experiência que nos dá a verdadeira cidadania. É a experiência que nos dá a verdadeira democracia. É a experiência que nos dá a verdadeira liberdade. É a experiência que nos dá a verdadeira justiça. É a experiência que nos dá a verdadeira paz. É a experiência que nos dá a verdadeira harmonia. É a experiência que nos dá a verdadeira beleza. É a experiência que nos dá a verdadeira verdade. É a experiência que nos dá a verdadeira vida.

Para a maioria que vai ao Colégio São Vicente a escola é um lugar. Um lugar onde se aprende a ler e a escrever. Um lugar onde se aprende a lidar com o outro. Um lugar onde se aprende a participar. Um lugar onde se aprende a ser responsável. Um lugar onde se aprende a ser solidário. Um lugar onde se aprende a ser cidadão. Um lugar onde se aprende a ser democrata. Um lugar onde se aprende a ser livre. Um lugar onde se aprende a ser justo. Um lugar onde se aprende a ser pacífico. Um lugar onde se aprende a ser harmonioso. Um lugar onde se aprende a ser belo. Um lugar onde se aprende a ser verdadeiro. Um lugar onde se aprende a ser vivo.

Mas se você quiser colaborar conosco nos dias de seu aniversário de 25 anos, entre em contato conosco. Em nossos objetivos ao longo desta década há o desafio de ser atual: COMUNICAÇÃO. A A.P.M. deseja ao educar com a vida e com os outros, com todos aqueles que vivem, não a verdade de um projeto acadêmico.

Segundo o documento "PARTECIPAÇÃO" "COMUNICANDO E PARTICIPANDO" que não é apenas informar: "participar é agir". Exatamente é este "agir

sociais, encontramos mais de duzentas; artigos tratando direta ou indiretamente de educação, cerca de oitenta; 38 cartas de adultos e alunos animaram a correspondência; oito entrevistas com diversos componentes das equipes; as amenidades artísticas da Lula ocuparam mais de 20 páginas. Importantes promoções foram sustentadas pela revista, como a construção do portão de entrada e o ar condicionado das salas de aula, ambas surgidas em 74.

O que se poderia destacar nestes primeiros 22 números?

Além do que ficou dito, eu ressaltaria, como reflexão sobre a Proposta da Escola, os artigos da professora Francisca Nóbrega, nos números 14 e 18, o de Laura Sandroni, no número 18, assim como a carta de Luís Lima no número 17 e a do Jorge Luís, coordenador do 2º grau sobre a importância do Grêmio de alunos (nº 14). Igualmente, na seção

Papo jovem do número 16, a mensagem do ex-aluno Luis César Moretsohn Rocha; no mesmo número a noite *In Memoriam*, por ocasião de morte de Juscelino Kubitschek de Oliveira. Além, é claro, dos sábios editoriais da redatora.

Notáveis edições

A partir do número 23, sob o comando da equipe da nova Diretoria da APM, a revista adotou o formato de caderno, mudando de aparência e reformulando o conteúdo. Mudou também a periodicidade: *A Chama* passou a sair em duas ou três edições anuais.

Ocasionalmente, Maria Célia era chamada a prestar socorro, como nas edições comemorativas dos 20 e dos 30 anos do Colégio e na despedida do Pe. Almeida, em final de 79. A partir de 1980, o Pe. Lauro Palu, sucessor do Pe. Almeida na Direção da Escola, assumiu também a direção da revista, produzindo 16 números.

Os números do Pe. Lauro apresentam-se em grande forma, com muita comunicação entre Escola e Família, profusa ilustração fotográfica e bom destaque aos eventos sociais do Colégio: nascimentos, aniversários, formaturas, primeiras eucaristias.

Alguns fatos excepcionais motivaram e ilustraram notáveis edições:



o 4º centenário do nascimento de São Vicente de Paulo; as Bodas de Ouro sacerdotais do fundador do Colégio, Pe. Joaquim da Silveira Horta; a visita do Superior Geral dos padres vicentinos, Pe. Richard Mc Cullen; o Jubileu de Prata do próprio Colégio.

Com o número 28, iniciou-se o seriado “APM em ritmo de Bodas de Porcelana” reproduzindo memórias dos primeiros anos de atividade da Associação até 1977. De 77 até 88, a história prossegue nos números 47, 48 e 49.

Nesta fase, merece atenção o cuidado no aprofundamento da Proposta Educacional da casa e também do conhecimento do Patrono São Vicente e sua obra, prevalecendo porém o propósito de comunicação, isto é, de colocar o colégio em cada lar de alunos. Lamentável, pois, a interrupção ocorre nos anos 85 e 86.

Precioso documento que faz história

A 3ª fase da revista consta de 13 números (14 com o presente), editados, no espaço de 12 anos (87 a 98) sob diversas diretorias e sob diversos critérios.

Em 87, no “relançamento”, após dois anos de espera, mudou-se, mais uma vez, o formato – quase tablóide – e buscou-se o interesse na variedade de matérias, ajudadas pelo recurso às fotos de arquivo e à originalidade de diagramação.

Com a mudança do redator (Antônio Carlos Lima) do Rio para Campinas, saíram apenas duas edições, seguidas pelos quatro números da *Chamativa*. Esta, em veste de pobre, preencheu bem o espaço de todo o ano de 88.

De 89 em diante, a periodicidade tornou-se anual, com raras exceções; o primeiro da série, o n.º 46, foi comemorativo dos 30 anos do Colégio, com as características de exemplar-memória. Do número 47

A CHAMA
25 ANOS



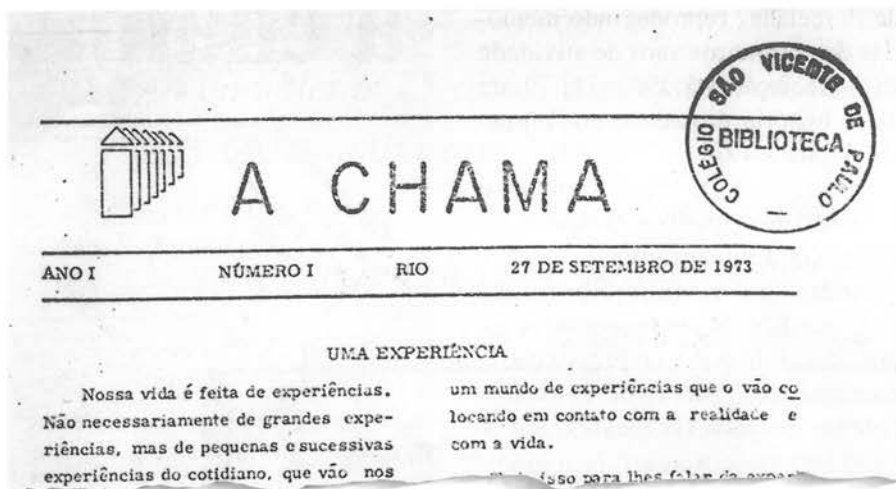
até o presente, de passo variado, quanto à direção e à ocasião das edições, *A Chama* vem se arrastando, em contraste com a facilitação dos meios de produção na atualidade. Em geral, tem-se buscado levar aos lares o retrato do que se vive na Escola, na medida em que o permite a defasagem do tempo. Ali se pode, sem dúvida, recolher muito artigo interessante, numerosa informação, excelentes reflexões. Confiada agora, a um casal de pais editores, vem apresentando cunho mais profissional e caminhando para novas definições de rumo.

Ouso repetir: se ainda não agrada a muitos pais – seus leitores mais visados – é, pelo menos, precioso documento que faz história e propaga a filosofia da colégio. O que está aí, nas páginas da revista ao longo destes 25 anos, é um panorama das idéias e dos fatos que vão construindo a casa.

Imaginem o vazio destes 25 anos, se não fosse *A Chama*!

Pe. José Pires de Almeida, C.M.

Um retrato do CSVP ao longo do tempo



Nº 4 (29/3/74)

Uma filosofia: educar pelo diálogo

“O diálogo é a porta aberta para o conhecimento do outro. A educação não se processa através de dois monólogos paralelos, mas de um diálogo aberto entre educando e educador. O Colégio adota essa filosofia. Todos nós sabemos que a educação não é tarefa apenas da escola; é sobretudo missão específica dos pais.” (Editorial / Maria Célia Bustamante).



Nº 1 (27/9/73)

Um solene compromisso no primeiro editorial

“Mais uma experiência na multiplicidade de nossa vida tão cheia de tarefas, obrigações e compromissos. Mas é justamente em nome de um compromisso que estamos tentando essa experiência. Um compromisso de abertura, de diálogo, de comunicação. Um compromisso de prestação de contas, de informação, de transmissão de fatos e idéias.”

Pe. Almeida explica o porquê do nome

“Nunca são demais os laços, quando existem tantas forças de desagregação. Seja *A Chama* um desses laços. Iluminando e aquecendo, aproxime as pessoas, ajude-as a comunicar-se como ponte aberta entre os membros tão diversificados da grande família do colégio São Vicente.”

Ar condicionado: frescura à vista?

A APM convoca para uma Assembléia Geral sobre assunto de grande interesse: a refrigeração do Colégio, em benefício “de um maior rendimento escolar, proporcionado por um ambiente mais favorável ao estudo e à concentração.”

Com esta nota, a primeira charge, assinada por Lula.



Maria Lúcia (Lula), a filha mais velha dos primeiros editores d'*A Chama*, já tinha saído do Colégio para a Faculdade quando a revista surgiu. Mas colaborou como ilustradora (inclusive desenhando cartuns, quadrinhos e anúncios) até o nº 22, de dezembro de 1977.

O São Vicente está nessa, até o pescoço

“Ao longo destes dez anos sentimos e vivemos os esforços no sentido de realizar uma educação criadora, libertadora do senso crítico, dialogante, global, integrada e evangelizadora. (...) O São Vicente está nessa. E deve estar, por opção, até o pescoço. O São Vicente de hoje nos tranquiliza quanto ao São Vicente de amanhã.” (Artigo do Prof. A.R.Tedesco).

Pena que o Brasil perdeu essa...

A Copa de 1974 era assunto de *A Chama* nº 5 (junho/74), que convocava:

“Não assista à Copa sozinho. Há uma TV a cores à sua espera no Colégio.”

Nº 6 (agosto/74)

“Puxão de orelha” em mãe superprotetora

O Editorial “*Nunca é tarde*” comentava o gesto de uma mãe que, para proteger seu filho em uma competição esportiva, desfez os nós em um barbante que a criança deveria desatar ao final da prova.



“Não consigo me esquecer da atitude de perplexidade de um dos garotinhos, quando percebeu que nada lhe restava fazer”, comenta a editorialista, Maria Célia Bustamante. “Acredito que aquela mãe que deu a seu filho um exemplo tão negativo não tenha medido todas as conseqüências desse feito na vida do filho.”

Nº 8 (dez/74)

Reflorestamento do morro

O terreno do Colégio estende-se a quase 300 metros morro acima. A ação do fogo e a depredação anônima, associados ao poder destruidor do capim “colonião”, vinham destruindo a densa arborização primi-

A CHAMA
25 ANOS

tiva. Um professor recém-chegado, Clóvis Dotori, deu a idéia e todos puseram mãos à obra.

“Quem esteve presente e participou não esquecerá jamais. Centenas de alunos misturados com mestres e funcionários, em procissão pelas trilhas íngremes, carregando mudas, vasilhas d’água, ferramentas, sob sol abrasador, conscientes de estarem “dando o recado”, (...) convencidos de que vale a pena plantar.”

O fato foi noticiado pelo Jornal Nacional e pela imprensa escrita.



Ter ou não ter portão?

“Tendo sido solicitada por vários pais uma solução para o portão do Colégio, já foi transmitido à direção (...) O projeto está sendo estudado e em tempo oportuno será solicitada a devida licença. Enquanto isso, solicitamos a compreensão e a boa vontade dos senhores pais, prometendo aumentar a vigilância...”

Quem nos explica é o Pe. Almeida:

– O Colégio nasceu com 350 alunos, em 1959, na máxima espontaneidade, os alunos eram semi-internos mas saíam toda hora e iam lanchar em casa, esqueciam lápis e iam pegar, moravam perto, levavam os amigos para fazer dever em casa, era uma família. Acontece que, nove anos depois, as coisas tinham mudado, já era outro clima: um aluno foi assaltado no pátio, por um moleque armado de canivete que tomou o relógio dele. Aí os pais começaram a se alarmar e tivemos que aumentar a segurança.

O assunto, a partir da notinha no nº 1, estendeu-se por várias edições.

O nº 5, de junho de 74, informava: “O portão já é uma realidade. Para tranqüilidade dos pais e tristeza dos alunos, que comentam: – Agora estudamos no ‘presídio’ São Vicente de Paulo.”

O CSVP era o símbolo da abertura. O jornal dos alunos que saiu logo depois do portão publicou um desenho com soldados armados de metralhadoras, canhões e tanques de guerra, dizendo: ‘presídio’ São Vicente de Paulo”. O grande valor era a liberdade.

Conta-se que um ex-aluno, quando viu o portão, comentou: – “Arrasaram com o meu colégio... Nunca mais porei os pés aqui.”

No nº 8 (dezembro/74), a coluna “Papo Livre” transcreve uma nota do jornal do Grêmio, retratando-se oficialmente por terem criticado a construção do muro e do portão, “que mostrou ser utilíssimo”.

Hoje seria impossível imaginar um colégio como este sem muros e portões...

Nº 12 (dez/75)

A mulher é tema da mensagem de Natal

“A figura da mulher, tão discutida e exaltada durante o ano de 75, nos traz à mente a imagem de Maria, mulher-exemplo para todas nós. O Natal nos convida a uma reflexão mais profunda sobre o exemplo de Maria que, discreta mas ativamente, se empenhou na construção de um mundo melhor.”



Mais reflorestamento

“A classe de alfabetização está sendo iniciada nos segredos da jardinagem para despertar desde cedo o amor pelas plantas e a preocupação com o meio ambiente. Já se tornou tradição o reflorestamento do morro do São Vicente no início da

Primavera. As turmas do ginásio e alguns alunos da 5ª série participaram desta atividade, antes reservada ao colegial. (...) O morro agora terá ipês, jambos, acácias e até araripes amarelos, dizia no dia seguinte a legenda da foto publicada pelo *Jornal do Brasil*, acrescentando que os alunos plantaram 600 mudas de 22 tipos diferentes.”

Nº 14 (maio/76)

A construção do ginásio coberto

“Uma das principais carências do Colégio São Vicente, o ginásio coberto tornou-se o grande sonho de todos. Os primeiros passos já estão sendo dados. Um engenheiro (ex-aluno do Colégio) já está debruçado sobre a planta do nosso íngreme terreno, a fim de estudar as possibilidades. (...) Será viável? A que preço? Até que ponto poderemos contar com a ‘Família do Colégio’; já suficientemente sacrificada pelo custo do ar condicionado, na execução de tal obra prioritária e inadiável?”

O divórcio em questão: dois momentos

No nº 9 (abril/75), um artigo contundente sobre o divórcio:

“A lei do divórcio, se aprovada, será o atestado oficial do câncer sociológico como solução para o problema da família brasileira. Tal como na medicina, seria bem melhor prevenir do que remediar. A difusão dos cursos de preparação para o casamento, através dos programas educativos do rádio e da TV, seria uma solução preventiva eficiente, embora a longo prazo.”

Dois anos depois (nº 19 – junho/77), o assunto volta à baila no editorial, desta vez em um tom mais ameno, pois o divórcio era apoiado pela maior parte da população.

“Combatendo o divórcio, a Igreja está lutando pela sobrevivência do Verdadeiro Amor, tão necessário para o bem da humanidade. Caso venha a ser aprovado, que ele seja aceito como um desafio pelos casais cristãos. Desafio que vai exigir de cada um nós uma ação apostólica mais intensa, sobretudo junto aos jovens.”

Nº 15 (ago/76)

Sonho de recreio em Jacarepaguá

“No apagar das luzes do semestre passado, foi lançada a idéia, entre nós professores, de adquirirmos uma área de recreação em Jacarepaguá. A idéia pegou fogo.

Reunimos um grupo de 25 colegas. Comprariamos a área. Construiríamos lá o nosso sonhado campo de pelada. A idéia está viva. Mas, nossa pesquisa durante as férias não foi produtiva. Quem sabe um pai, através de uma informação, pudesse nos ajudar a concretizar esse sonho?” (Infelizmente este sonho não foi avante.)

Modificação no sistema de avaliação e promoção do 1º grau

Depois de uma série de reuniões, a direção, secretaria, conselho de professores, coordenações pedagógicas e educacionais chegaram às seguintes conclusões: abolir as pro-



vas de segunda época; abolir as provas finais; a média de aprovação por disciplina é seis. Os alunos que não atingirem esta média entrarão em recuperação. A esta recuperação terão direito apenas os alunos que ficarem em, no máximo, quatro disciplinas...”

Nº 16 (out/76)



Morre JK, que financiou a construção do Colégio

“Como em cada segunda-feira, no dia 23 de agosto deste ano hasteou-se a Bandeira Nacional no mastro interno do Colégio. Os alunos presentes foram entretanto notificados de que o Pavilhão ficaria, naquele dia, de luto, porque o Colégio sentia-se no dever de externar sua participação na dor de todos os brasileiros. Falecera tragicamente o ex-presidente Juscelino Kubitschek. O acontecimento fez aflorar sentimentos que o tempo mantinha adormecido. Sobretudo de gratidão.”

Em 1957, procurado pelo Pe. Horta, seu conterrâneo de Diamantina, o presidente concedeu um empréstimo de 32 milhões de cruzeiros (com o prazo de 20 anos, a juros módicos) para a construção do Colégio.

A Arte de Ser Pai

Devia haver Faculdade para formar Pai. É claro. Pai é uma das atividades mais generalizadas do mundo, e não há uma só escola onde você possa fazer um curso completo, receber canudinho e dizer: “Estou formado. Me manda o primeiro cliente”.

Pai é uma atividade na qual você só se forma na prática. Não tem Teoria. E demora tempo pra que você se considere no fim do curso. É aí, no entanto, que vem o problema principal: quando você acredita que já está formado, craque para ser um Pai de verdade, o filho já está pronto. Nesta altura, se você quiser, pode freqüentar alguns cursos – não uma Faculdade completa. E os cursos são muito restritos: só servem para responder àquela famosa pergunta: “Onde foi que eu errei?” E, na verdade, curso nunca satisfaz muito a gente. Principalmente Pai, que vem de uma geração acostumada a tomar aulas sentado numa carteira e ouvindo o professor falar. Eles estranham muito quando as aulas são dadas com o aluno falando e o professor mudo. E além disto, em vez de sentado, deitado. Num divã.

Não é justo. Em Medicina você estuda seis anos numa Faculdade e só aí a coisa começa. Durante o longo curso que você se prepara para conhecer profundamente o corpo humano e fazer grandes intervenções cirúrgicas, depois. E ninguém atrapalha o seu aprendizado. O objeto do seu estudo – nas aulas de Anatomia – fica lá, esticado na mesa, quietinho, banhado em formol. Nunca reage a um bom corte do seu bisturi de estudante. O filho, não. Não pára nunca. Você jamais consegue deitá-lo quieto numa cama pra ficar ali, dissecando o bruto, entendendo suas entranhas. Aliás, isso seria até pedir demais. No meu caso, eu queria apenas botá-los na cama. Pra dormir cedo.

Jamais consegui.

Não sei por que fui me meter nessa de ser pai. Eu devia ter sido Engenheiro. Se eu tivesse feito Engenharia, saberia hoje, direitinho, na ponta do lápis, no fim dos meus cálculos, se a ponte que eu planejei ia agüentar o trem.

Tentei proteger meu primeiro filho. Aliás, São José também. E dizem que, naquela noite em Belém, um pastor deu com São José encostado na porta do estábulo olhando pro céu, balançando a cabeça e dizendo: “Tsk, tsk!” O pastor perguntou: “O que houve com ele?” e o outro respondeu: “Ele queria menina!”

Quer dizer, já fez o vestibular tendo que ficar na segunda opção. Nunca dá exatamente como a gente quer.

Há porém os que acreditam que não é bem assim, que a transa com o primeiro filho te ajuda a criar bem o segundo... Discordo. Filho é que nem programa do Ministério da Educação: cada novo ano – ou novo filho – muda todo o currículo. Você vai ter que adotar autores completamente diferentes, comprar novos livros, novos cadernos, passar tudo a limpo ou até mudar de colégio. Se pelo menos todos os filhos fossem iguais, seria bem mais fácil. Quando é que vão, finalmente, resolver padronizá-los? Seria bom que os filhos compreendessem essa falha do Sistema Mundial de

Ensino com relação ao Pai e ficassem, desde cedo, certos de que eles não têm culpa por seu desespero.

Num trabalho que eu considero elogiável da minha parte, no sentido de procurar melhorar o mundo, eu vivo repetindo pra todo filho que eu vejo: “É preciso ter muita paciência com os pais”, mas eles nunca me levam a sério.

Realmente seria exigir demais que uma criança pudesse entender que ela é alguma coisa que está ajudando a formar a personalidade de outra. Que veio ao mundo antes dela.

Sou obrigado a confessar, porém, que há um momento em que o Filho entende isso com perfeição: justamente no momento em que vira Pai.

Por isso é que as crianças gostam muito mais do avô. Eu chamo isso de “alegria atávica da vingancinha”. É que eles logo descobrem que o avô é um cara que está chateando o cara que os chateia.

Pensando bem, é melhor desistir da idéia de se fazer uma Faculdade de Paternidade. Vamos deixar a coisa como está, pois esse mundão de erros e acertos – ah, sim: às vezes a gente acerta – é que é, em verdade, a mola que move o mundo.

Outro dia, aí mesmo no colégio, estive falando sobre Arte. E para decepção de todos defendi a tese de que a Arte é uma questão de talento e não de aprendizado. Ninguém é um bom músico sem talento, ninguém será um grande pintor se não tiver muito talento, ninguém poderá cantar bem uma ópera se não tiver o chatíssimo talento pra tenor.

Aplico a minha discutida tese ao problema dos pais. E com muita razão. Como não há mesmo escola para nós, o êxito de nossos filhos, no que diz respeito ao seu êxito na relação com os pais e as boas conseqüências daí advindas – o que seria, no caso, a obra-de-arte acabada – depende é de talento mesmo. Tem cara que nasce com talento pra pai e tem cara que fica horas com o filho, domingo, no parque de diversões e volta pra casa com o menino chorando.

É isso. Espero que, com esse artigo, eu tenha prestado um grande serviço aos pais ainda em formação. Ele será lido por muitos filhos e pode ser que os meninos ajudem o papai nos deveres de casa.

Por outro lado, a decência, o amor à verdade e um grande sentimento de honestidade me obrigam a confessar que, com todas as minhas queixas, tenho que admitir que a atividade de Pai não é a mais difícil do mundo. Foi exagero de minha parte, mania de lamentação. Existem outras atividades mais difíceis.

Por exemplo: devia haver Faculdade pra formar Filho.



disciplina ou DISCIPLINA?



A disciplina em uma Educação Libertadora foi tema de discussão em diversos números. Nessa edição, um artigo do coordenador de disciplina, Guimarães, dizia o seguinte:

“Há precisamente oito anos o Colégio implantou a Educação Libertadora como lema de educação. O setor da disciplina foi o que mais se modificou no decorrer destes anos. (...) Existem ainda punições no ginásio. (...) É bom que fique bem claro: a punição no São Vicente não é um fim, mas um meio, que ajuda os alunos a se orientarem e a se educarem. No 2º grau é bem diferente. Só o diálogo é usado...”

Na mesma edição, Luiz Lima, pai de aluno, comentava no artigo “Lição de Democracia” a atitude do Colégio diante de um problema disciplinar com alguns alunos:

“Estaria havendo excessiva preocupação com a preocupação de não reprimir o direito de opinião? Temos a firme convicção de que a sabedoria maior que norteia e orienta o Colégio saberá encontrar o caminho.”

Nº 18 (abril/77)

Empréstimo para a construção do Ginásio coberto

“Nossos projetos continuam a andar lenta mas seguramente. O de maior vulto é a construção de um ginásio coberto (...) Tudo depende

de empréstimo da Caixa Econômica” – anunciava a seção *Perspectiva*.

Educação Libertadora em pauta

“Libertadora é a educação que anima o educando a ter consciência exata de si mesmo e dos circunstâncias, para que ele mesmo determine os limites da liberdade em seu estar em sociedade. Só a educação libertadora pode abarcar a multidimensionalidade do homem, que é e continuará sendo o único ente a quem o ser concerne, porque é o único ente capaz de ter consciência de ser.” (Francisca Nóbrega, professora)

Nº 21 (set/77)

Tarde de violência no Colégio!

“Feriram um aluno em uma brincadeira de ‘corredor polonês’. Preferiu-se acreditar nas soluções libertadoras mais do que nas punitivas. Trabalhou-se o caso durante três dias com os alunos que se apresenta-

ram como direta ou indiretamente culpados. O desfecho foi feliz. Pais, alunos, SOP-SOE, todos enfim, saíram conscientizados e crescidos a partir de evento tão amargo.”

Campanha do lixo: alunos fazem faxina

“...Uma campanha cuja primeira medida foi dar ‘férias’ de três dias aos serventes. À vista do volume de lixo acumulado em baixo de mesas e cadeiras e fora das latas apropriadas, os alunos começaram um saneamento. Agora, já podemos notar que o chão sorri, limpo e bonito...” (Francisco e Luiz, alunos do 3º ano)

Nº 22 (dez/77)

Alunos se mobilizam para questionar professores

“Um número significativo de turmas questiona e debate suas posições com as de determinados professores. Essa movimentação significa algo inédito no Ginásio, mostrando um amadurecimento do espírito crítico, uma participação mais

ÔNIBUS por Lula



Em todos os números da 1ª fase da revista, histórias em quadrinhos inéditas, desenhadas por Lula.

efetiva do aluno na sua educação e um interesse crescente pela elevação do nível das aulas” (Henrique, aluno da turma 83).



N° 23 (abril/78)

Pai de aluno reclama do preço da mensalidade

“Acho as mensalidades altas. Pago cerca de 3 mil cruzeiros mensais para os meus dois filhos. Isso é quase 20% do meu salário. Não acho também justo o pagamento de mensalidades em janeiro e fevereiro. E igualmente sou contra a cobrança de 10% de multa para quem atrasa o pagamento em mais de 10 dias. É muito alta.” (Trecho de entrevista com pai de dois alunos.)

Ibope pesquisa São Vicente

96% dos pais se mantêm informados sobre as atividades do Colégio e 97,3% sobre a situação de aprendizagem dos filhos, segundo revelou uma pesquisa realizada pelo Ibope.

Como seu filho se manifesta em relação ao Colégio? Diante desta pergunta, 84% emitiram opiniões

favoráveis, 7,3% opiniões razoáveis, enquanto 8% preferiram não comentar e 0,7% simplesmente não opinaram.

O índice mais fraco foi o referente à participação na APM. Somente 4,7% dos pais afirmaram participar assiduamente, 12,7% “regularmente” e 27,3% “raramente”.

N° 24 (nov/78)

Teatro relâmpago no pátio

“Estamos na hora do recreio, o pátio repleto; o pessoal conversando, é junho e só se fala na Copa. De repente entra em cena, na maca, um sujeito todo ensanguentado, ladeado por médicos, enfermeiros e um locutor de rádio (...) Nesse instante monta-se no pátio a cena de um hospital. A essa altura o pátio está cercado de alunos, de curiosos funcionários e de professores.” (Nélson, aluno da 2ª série.)

Desmotivação na Educação Física

“Os horários escolhidos para a disciplina, entre 12 e 13h, depois de quase cinco horas de aula, afastam de sua prática grande parte dos alunos, que preferem fazer educação física fora do Colégio.” (Depoimento de Andréa Maria, 2º ano.)



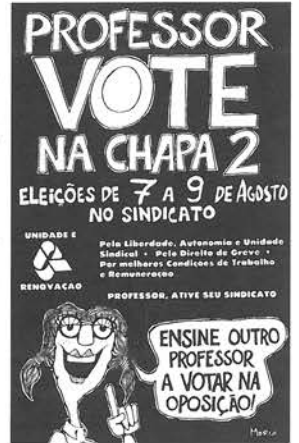
A CHAMA 25 ANOS

Oposição vence no Sindicato

Pela primeira vez depois de muitos anos houve uma chapa de oposição concorrendo às eleições no Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro.

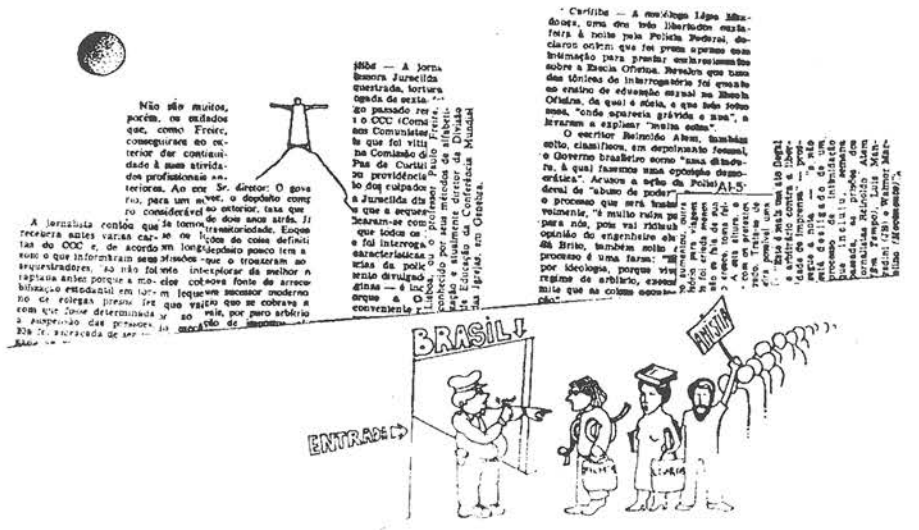
“Isso demonstra o marasmo por que passou a classe durante todos esses anos...”

A vencedora foi a chapa da oposição – *Unidade e Renovação* – apoiada pelos professores do São Vicente.



O Progresso chegou a Cosme Velho...

“Queremos tudo azul: chega de dourado!” A charge faz alusão às



1978: A luta pela anistia começava a vencer. Centenas de brasileiros retornavam do exílio.



QUEREMOS TUDO AZUL: CHEGA DE DOURADO!
FORTUNATO

placas da construtora Sérgio Dourado, que tomavam conta da cidade no boom imobiliário dos anos 70. Artigo de José Nilo Tavares, pai de aluno, comenta a influência do Túnel Rebouças (que havia sido recentemente inaugurado) sobre a qualidade de vida do bairro.

Trânsito engarrafado, assaltos, “monstros de cimento comendo as encostas dos morros verdejantes” promoveram o bairro a uma “nova Constantinopla”.

O articulista aponta, ironicamente, uma vantagem nisso tudo:

“Os professores de ciências do Colégio não precisam mais mandar os seus alunos pesquisar a poluição em bairros distantes. E muito menos ilustrar a marcha do capitalismo com exemplos analógicos. Agora temos tudo às nossas portas.”

A morte surpreendente do Papa João Paulo I

“Morreu Paulo VI, nasce outro papa.” Com este título, um artigo do Padre Almeida sobre o surgimento de um novo papa apresentava a biografia e o perfil de João Paulo I. Mas, quando a edição d’*A Chama* já estava na gráfica, morre o novo papa, depois de poucos dias de papado. ‘As manifestações daqueles que elegerão o novo papa permitem-nos prever a preservação do espírito de João Paulo I’, afirma Pe. Almeida.

Futurólogo faz previsões sobre o ano 2.000

“O mundo político será crescentemente multipolar, sendo que um ecumenismo econômico e tecnológico armará o palco para o desenvolvimento ulterior de uma economia principal global e tecnológica, multipolar e parcialmente competitiva.” São palavras do então famoso futurólogo norte-americano Herman Kahn (focalizado em artigo de Roberto Costa juntamente com outros estudiosos do futuro).

Nº 25 (maio/79)

Crise na Educação Libertadora?

“Se não se pretende escamotear a realidade, pode-se falar de crise, não apenas no São Vicente, mas no interior da própria estrutura da instituição Escola.(...) A coisa fica mais fácil em termos de equação,

tipo modelo matemático. Mas o crucial é que essa equação se dá entre homens. (...) Aí a vaca vai pro brejo. No São Vicente, as pessoas contam com uma ideologia pedagógica que, se realmente incorporada, tornaria a cooperação mais fácil. Mas nossa prática ainda está longe de nossa teoria.” (Trechos da entrevista com Aluizio de Oliveira, coordenador da SOE.)

APM programa mesa redonda sobre a censura

Trezentas peças teatrais censuradas, quinhentos livros proibidos ou mutilados, milhares de ordens às emissoras de rádio e TV, fazem parte de um balanço da censura de de 1964 a 1978. “Sem falar no mais grave: o medo e a auto-censura impedindo de vir à tona o impulso de criação científica, artística e literária dos brasileiros. (...) A longa sobrevivência da censura deixa marcas que estão presentes nas relações entre pais e filhos, alunos e profes-

Influência da TV preocupa os pais

“A TV oferece uma oportunidade de aprendizagem da violência, das técnicas de agressão, dos ataques traiçoeiros, da astúcia e da falsidade, elementos que permanecem no subconsciente da criança mesmo após a exibição do filme (...) Até que ponto a criança assimila e incorpora ao seu comportamento atitudes heróicas e violentas que lhe são transmitidas?” (Trecho de artigo de Maria Célia Bustamante, no nº 26, outubro/79)



O tema prossegue no nº 27 (dezembro/79), com o resumo da mesa redonda (*A TV e os nossos filhos*) promovida pela APM no auditório do Colégio, reunindo profissionais de TV, pedagogos, psicólogos e pais. “Há uma necessidade urgente do debate constante dos pais e mestres com as crianças a respeito dos programas que elas vêem. A criança recebe imagens de modo passivo, o que não significa que aceite tudo. Com diálogo e reflexão é que a criança poderá discernir o positivo e hierarquizar valores” – afirmou Geraldo Casé.

sores, chefes e subordinados, governantes e governados..." (Matéria sobre mesa redonda organizada pela APM.)

Nº 31 (junho/81)

Copa do Mundo: suspender as aulas ou não?



O debate tomou conta de toda a escola e decidiu-se ouvir os pais através de resposta por escrito nas cadernetas dos alunos. 59,89% dos pais foram favoráveis à suspensão das aulas durante os jogos. A direção do Colégio acatou a opinião dos pais mas decidiu "conversar com os alunos, ponderando nossos objetivos e prioridades, avaliando o efeito das propagandas de que somos alvo constante e iniciando o longo processo da formação de uma consciência crítica."

Nº 32 (Ago/81)

Alunos têm baixa participação no Grêmio Colegial

"O Grêmio chegou a ter (em 1976) metade dos alunos do Colégio ativamente engajados em alguns dos vários departamentos. Hoje o Grêmio está em crise. Só os alunos podem resolvê-la. A nós, professores, só nos cabe torcer e estimular aqueles que estejam dispostos a fazê-lo recuperar o vigor e a representatividade de alguns anos atrás." As

palavras do professor Jorge Luiz abriram uma reportagem especial sobre a crise de participação que deixou sem diretoria o Grêmio Colegial. Apesar da crise, muitos alunos mostraram-se empenhados em reerguer a agremiação.

A CHAMA
25
ANOS

Dever de casa. Até que ponto ajudar os filhos?

"Os pais não devem fazer pelos filhos nada que eles possam fazer sozinhos, na sua medida. Crianças e adolescentes fazem coisas como crianças e adolescentes. Quando colocamos nossa adultez nestes trabalhos, eles costumam a ficar híbridos." Lurdinha, SOE



OLHA, NÃO
DA' PRA SMIR -
POR QUE ?



PORQUE EU
TEMPO DE FICAR
AQUI VIGIANDO



PORQUE SENÃO
O PAPAÍ NÃO FAZ
O MEU DEVER ! (*)

(*) LEGENDA EXTRAÍDA DO JORNAL DO GRÊMIO "POR TRAZ DO MURO" Nº1, DE 15/6/81

Edição Especial: 400 anos do nascimento de S. Vicente de Paulo



“Todas as pessoas desejam ser tratadas com doçura.”

“Sejamos misericordiosos e façamos misericórdia a todos, de tal sorte que não nos encontremos jamais com um pobre sem o consolar, se podemos, nem com um homem ignorante sem lhe ensinar.”

(São Vicente de Paulo)

Missa na Catedral reúne 2 mil vicentinos

“Foi de festa a missa que D. Eugênio Sales celebrou no dia 27 de setembro, na Catedral, para comemorar os 400 anos de nascimento de S. Vicente de Paulo. D. Eugênio advertiu que o santo amou os pobres não por motivos ideológicos, políticos ou demagógicos e sim movido pela sua fé em Cristo. (...) A miséria é uma ofensa a Deus.”

Pais vão à escola para aprender a educar melhor os filhos

Uma “Escola de Pais”, com dez reuniões em seu 1º ciclo, está funcionando no São Vicente. Promove dinâmicas de grupo para estudar temas como: “o lar na formação, a autoridade do pai e da mãe, as necessidades básicas da criança, o reflexo das atitudes dos pais no comportamento dos filhos, o amadurecimento da personalidade, a educação para o amor e o sexo.”

Debate com os candidatos agita o Colégio

As eleições diretas de 82 mobilizam alunos e professores. Brizola, Juruna, Artur da Távola, Lizânea Maciel, Célio Borja e outros candidatos fizeram lotar o auditório, no seminário “A Política posta em questão”, que contou com representantes de todos os partidos.

POLÍTICA É UMA DIMENSÃO DA EDUCAÇÃO



O São Vicente discute o voto de 15 de novembro

No dia 15 de novembro de 1982, os alunos do São Vicente discutiram o voto de 15 de novembro de 1982 e os seus conseqüências políticas, sociais e econômicas. A discussão foi realizada em um seminário realizado no auditório da escola, com a participação de todos os alunos e professores.

O VOTO DEMOCRÁTICO
A discussão foi realizada em um seminário realizado no auditório da escola, com a participação de todos os alunos e professores.

A COPA DO MUNDO
A discussão foi realizada em um seminário realizado no auditório da escola, com a participação de todos os alunos e professores.

O SEMINÁRIO "A POLÍTICA POSTA EM QUESTÃO"
A discussão foi realizada em um seminário realizado no auditório da escola, com a participação de todos os alunos e professores.

PANORAMA VISTO DA PONTE
A discussão foi realizada em um seminário realizado no auditório da escola, com a participação de todos os alunos e professores.

AGRADECIMENTOS
A discussão foi realizada em um seminário realizado no auditório da escola, com a participação de todos os alunos e professores.

PRÓXIMO
A discussão foi realizada em um seminário realizado no auditório da escola, com a participação de todos os alunos e professores.

Chapas eleitas dinamizam os Grêmios

“Vontade de todos faz renascer o Grêmio Colegial. O número expressivo de eleitores mostra decididamente que a maioria está ansiosa para participar e interessada em não deixar o Grêmio morrer, após um ano de crises sucessivas.”

a chama

Reuniões de Pais integram a Família e a Escola



Confronto de conceitos mostra a base da educação libertadora

São Vicente classifica 138 alunos no vestibular

a chama



POLÍTICA POSTA EM QUESTÃO: São Vicente convoca e ouve os candidatos

CHAPAS ELEITAS DINAMIZAM OS GRÊMIOS E AGITAM O COLÉGIO

São Vicente sobe o morro

O CSVP engaja-se em obras sociais através da Associação de Caridade, integrada por mães de alunos e ex-alunos. "Nossa creche no Morro da Providência é um trabalho do qual nos orgulhamos e que você gostará de conhecer. São mais de cem crianças de três meses a seis anos sempre necessitando da ajuda e do humanismo de cada um de nós."

Excelentes resultados no vestibular

A Chama festeja e aplaude os vestibulandos do Colégio: 100% de aprovação no 3º-A, da área de Humanas; 78,7% de aprovação na área Biomédica, na turma do 3º-B, e 87,5% de alunos da 3º-C aprovados, na área tecnológica.

Nº 37 (jun-jul/83)

APM promove ciclo de palestras sobre violência

"Fraternidade, sim; violência, não" – foi este o tema da Campanha da Fraternidade em 1983. E a violência já se tornava uma das maiores preocupações da população. Com a participação de autoridades, líderes comunitários e estudiosos do assunto, a APM realizou cinco palestras com debates. Apesar da ampla divulgação e do alto nível das palestras, a frequência foi pequena (de 34 a 75 pessoas) mas representativa.

"Olha aqui a mãe da Chama!" Com este título, o nº 38 (setembro/83) publicava entrevista com Maria Célia Bustamante, em comemoração aos dez anos da revista.



Nº 39 (out-nov/83)

Fatos ocultados e distorcidos durante a ditadura

Auditório superlotado quase todas as noites. Na mesa, Betinho, Raymundo Faoro, Frei Betto, Márcio Moreira Alves e Wilson Figueiredo, em uma série de palestras sobre os anos de ditadura militar, até a abertura política. Provocando forte impressão, Frei Betto, sobrevivente da tortura, contou fatos macabros de arbitrariedade e desrespeito aos direitos humanos. "Com sua palavra lúcida e uma fé contagiante, ele nos fez ver que é preciso denunciar para que isso nunca mais se repita!" Herbert de Souza (Betinho), pai de aluno do CSVP, falou sobre a atuação da Igreja nos movimentos sociais e sua importância no futuro do Brasil.

Nº 40 (nov.-dez.83)

Computadores na escola: moda ou necessidade?

"O ensino por computador poderá se transformar na forma mais popular de ensino. (...) Como será esta futura geração de indivíduos



superinformados? Serão capazes de se emocionarem, de gostar de poesia, do canto de pássaros, de coisas simples? (...) Não se tornarão suas mentes tão preguiçosas como estão as nossas pernas depois do advento do automóvel?(...) Devemos colocar os nossos filhos aos cuidados deste instrutor frio e eficiente? A resposta não é fácil." Sadanovu Hayashi

Nº 43 (set-dez/84)

Comemoração dos 25 anos do Colégio

Uma edição especial festejou em grande estilo o jubileu de prata do CSVP. De Roma, chegou mensagem especial do Pe. Richard McCullen, Superior Geral da Congregação das Missões.

No Colégio, um ciclo de palestras reuniu representantes de todas as obras vicentinas no Brasil. Os quatro diretores que a casa já teve (os padres Horta, Almeida, Lauro e o professor Marçal) falam sobre a proposta educacional. E a redação d'A Chama colheu depoimentos de alunos, como o de Marcos (T.42): "O São Vicente é um colégio que faz fronteiras com o mundo."



A Chama volta depois de longo período

Quase três anos depois do último número, circula de novo a revista, em formato maior e bastante informativa.

Volta o Pe. Almeida. Vai para Roma o Pe. Lauro Palu

O cargo de Assistente Geral da Congregação da Missão, em Roma, tem novo titular, Pe. Lauro Palu, que deixa a direção do Colégio São Vicente. Daquele mesmo cargo, é liberado o Pe. Almeida, que volta de Roma e reassume o CSVP.

Alto índice de aprovação no Vestibular

94% dos vestibulandos do São Vicente conseguiram abrir as portas da Universidade. "E também é importante que a maioria ingressou nas melhores Faculdades do Rio de Janeiro." Um detalhe marcante foi a introdução das redações no vestibular, que durante vários anos ficou limitado a questões de múltipla escolha. "No último vestibular, apenas 10 mil redações dentre os 73 mil participantes da 2ª fase conseguiram conceito excelente; mais de 40 mil foram avaliadas como ruins..."

Chamativa Nº 1 (mar/88)

Participar para mudar

Este era o lema do novo boletim CHAMATIVA. "Simples, artesanal, objetivo e direto. Além de não custar muito, é mais fácil de ser feito todo mês!" – dizia o primeiro editorial, anunciando que o boletim circularia mensalmente e *A Chama* sai-

Fernando Collor: um ex-aluno altamente presidenciável

"O governador (de Alagoas), ilustre aluno-fundador da casa, foi o protótipo do político ideal, com amplas chances de chegar à presidência. (...) Collor expôs seu trunfo maior: a caça aos marajás, e a partir daí seguiu despejando sobre a platéia atenciosa todo o seu discurso de Bom Rapaz Honesto Ainda, com a ajuda de algumas perguntas que pareciam encomendadas pelo próprio. Até na hora de explicar seu ato kafkiano, ao votar em Paulo Maluf no Colégio Eleitoral (para presidente da república nas eleições indiretas de 1984) e indo assim contra a maré mais forte que é a do povo, Collor foi o Bom Menino e buscou no fundo da mais sincera boa intenção o motivo. Palavra empenhada no apoio a Maluf foi o motivo, e assim provou seu ótimo caráter e o fato de que sua preocupação com o povo é bem recente... Resta esperar e conferir o quanto tempo dura a sua proposta progressista e seu idealismo jovem."

Estes são trechos da matéria, assinada por Luís Alberto Angeiras, sobre o debate promovido pela APM em setembro de 87, com o ex-aluno do São Vicente que, em 1989, seria eleito presidente da República.

Alguns anos depois, centenas de alunos saíam em passeata, pelas portas do mesmo Colégio que ele havia frequentado, juntando-se aos milhões de jovens caras-pintadas que, nas ruas de todo o país, gritavam pelo *impeachment* de Collor.

ria duas a três vezes por ano, desde que houvesse colaboração dos pais, professores e alunos.

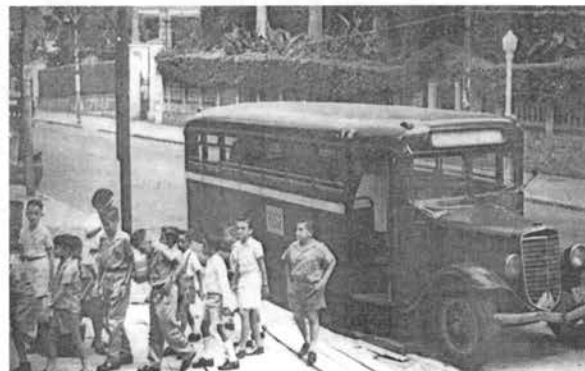
Houve 4 edições no ano de 88 e nenhuma edição d'*A Chama*. No ano seguinte, não saiu mais o boletim e *A Chama* teve uma única edição em 89.

Nº 45 (set/89)

A foto do primeiro dia de aulas no São Vicente ilustra artigo do Pe. Almeida sobre os 30 anos do Colégio, em edição especial de aniversário. "Foi uma operação de incrível ousadia (...). Sem os recursos materiais necessários, mas com a visão da esperança, o Pe. Horta soube canalizar para sua obra as atenções de quanto os admiravam e podiam cooperar com ele para que surgisse essa comunidade educacional (...). Obrigado, Pe. Horta, pelo São Vicente que você nos deu."

Disciplina: sempre em pauta

"Não é a partir de medidas disciplinares, policiaesca, limitadoras ou restritivas que pensamos disciplina. Mas como um trabalho de toda a equipe com o objetivo de levar o aluno a perceber que, em coletividade, vive-se melhor com disciplina. Nosso trabalho é sobretudo educativo. Não objetivamos a punição, mas a transformação." Trechos do artigo de Sara Rozinda Passos no nº 45.



Sr. Administrador do Bairro do Cosme Velho

Quero agradecer ao senhor por ter botado novos sinais em algumas ruas.

Também devo dizer que o senhor deve botar guardas nos sinais. Ali perto do Túnel Rebouças estão queimadas muitas matas. O senhor deve botar, nas matas ainda vivas, placas ou arame farpado.

Espero que minha carta seja lida com atenção!

Henrique – CSVP – T.34

A carta de Henrique, da 3ª série, em agosto de 1989, foi respondida pela prefeitura da cidade, informando que a solicitação foi encaminhada à Diretoria de Parques e Jardins e dando parabéns ao aluno “por sua atitude em defesa do meio ambiente”.

Nº 45 [46]* (dez/90)

Nº 47 [48]* (dez/92)

Foto de Arley Alves - Rede Globo



“A experiência com o Almir foi muito importante para mim. Faz parte da minha escola de teatro, da minha formação de ator. Eu devo muito a ele pelo trabalho e pela paciência que teve comigo (acho que eu era um ator muito rebelde). Se hoje eu estou dando certo profissionalmente, se eu apresento um trabalho de qualidade, o Almir divide tudo isso comigo. Eu falo isso sinceramente.” (Depoimento do ator Marcos Palmeira, ex-aluno e ator profissional, sobre Almir Telles e o Grupo Calabouço – matéria comemorativa dos 15 anos do grupo). Na mesma edição, anúncio da peça *Macbeth*, de Shakespeare, apresentada pelo grupo no teatro do Colégio.

Ser pai e mãe de adolescente... é padecer sem ilusão do paraíso.

“Podemos dominar teorias (...), ser bons educadores e terapeutas de inúmeros jovens, mas na hora que o adolescente da nossa casa nos faz reviver nossa própria juventude, nos mostra o abismo indesejável e o conseqüente envelhecimento, a gente treme, duvida e pode até ficar tão confuso quanto nosso filho. Estranha ironia: pois o fato de sermos pais e estarmos pensando com nossos filhos jovens nos dá a garantia de que tudo vai passar - ele vão crescer, nós vamos acabar entendendo e entre erros e acertos, todos vamos sobrevi-



Nestas páginas, destacamos algumas matérias publicadas nos primeiros vinte anos d'*A Chama*.

No próximo número, resumo dos últimos cinco anos.

* Algumas edições da revista saíram, na época, com número errado. Indicamos entre colchetes [] a numeração na seqüência correta.

A CHAMA
25 ANOS

ver.” (Trechos do artigo de Patrícia Rubim, psicóloga do CSVP)

O primeiro protesto a gente nunca esquece

Deu na *Revista de Domingo*, do *JB*: “O Colégio São Vicente de Paulo vem puxando o movimento estudantil nas manifestações de rua contra o governo Collor”. Toda a imprensa – revistas, jornais, rádio e TV – destacaram a participação dos alunos do CSVP, qualificado como “uma escola comprometida com a preparação do aluno para a vida em sociedade”.

Sem liderança de qualquer pessoa maior de idade, cerca de 200 estudantes saíram em alegre passeata pelas ruas, pedindo adesão de alunos de outros colégios. “A gente viu que não adianta ficar parado, porque senão nada acontece de bom” – disse a presidente do Grêmio, Irina Bruscky, de 16 anos.

PARCERIA

FAMÍLIA-ESCOLA:

Dando continuidade ao artigo publicado no número anterior d'A Chama, no qual mostrávamos, em linhas gerais, o andamento da nova Lei de Diretrizes e Bases junto aos professores e demais setores do Colégio, queremos agora nos voltar para o papel da família na sua relação com a escola, à luz dessa nova Lei.

Duas idéias-chave nos orientam nessa questão: o papel da escola na sociedade e o modo como o desempenho.

Sobre a primeira, devemos considerar que a sociedade em que estamos mergulhados e que ajudamos (passiva ou ativamente) a construir, vem passando por profundas e rápidas modificações. Para aquilo que aqui nos interessa, a principal modificação se refere ao papel que a *informação* e o *conhecimento* passam a ter nessa sociedade: são eles o novo "ouro", em lugar do que tradicionalmente teve valor, que foram o capital e a mão-de-obra. Tudo indica que, cada vez mais, as sociedades, as organizações e os próprios indivíduos serão valorizados pelo que possuem de *conhecimento* e do quanto esse *conhecimento* pode *produzir*, para os próprios indivíduos, para as organizações e para as sociedades.

Portanto, numa sociedade assim, parece clara a importância da Educação e, conseqüentemente, da escola. Mas, ao mesmo tempo, isso nos leva à inevitável pergunta: será

• • •
"A escola deve ser
o espaço de partilha
do saber por parte
de todos os membros
da sociedade"
• • •

que a escola que temos hoje atende a essas novas necessidades? Parece que sabemos a resposta: para o que ainda temos (e como ainda temos!) das antigas exigências, algumas escolas até que dão conta... mas precisamos nos preparar para o "novo" que "sempre vem", como dizia Belchior...

É nesse contexto, portanto, que queremos falar do *papel da Escola*. Em seu livro "Sociedade Pós-Capitalista", Peter Drucker afirma que "a educação precisa permear toda a sociedade" e que "as escolas devem, cada vez mais, trabalhar em parceria..." (P. 154). Em outras palavras, a escola deve ser o *espaço de partilha do saber* por parte de todos os membros da sociedade do conhecimento. Deixa de ser o espaço onde a nova geração "recebe" das anteriores e torna-se o espaço onde *todos* trocam seus "saberes". Nós, professores, temos o que ensinar, mas também temos muito para aprender. Nossos alunos fazem o caminho inverso, mas cada vez mais nos sur-

preendem ensinando-nos tanta coisa. E os pais e outros adultos da comunidade educativa precisam redescobrir o encantamento do aprender/ensinar e colocar-se em "parceria" nesse processo.

Este raciocínio nos remete ao segundo ponto de nossa reflexão:

Como fazer isso acontecer?

No livro *Os Novos Modos de Compreender*, Pierre Babin nos coloca frente a uma idéia que deveria ser considerada: vivemos na escola, muitas vezes, algo semelhante ao que vivemos nas lanchonetes de *fast-food*, em que cada um vai ao caixa, paga, escolhe seu lanche, coloca-o numa bandeja e se alimenta na solidão e na pressa. Ele sugere, então, que recordemos a alegria (por muitos esquecida...) da refeição compartilhada em torno da mesma mesa. E fala, então, em passarmos da "escola *fast-food*" para a "escola-mesa". Nesta, cada pessoa da comunidade traz o seu saber e o partilha com os demais; ninguém "consome" saber; ninguém "vende" saber; *todos partilham o saber*.

Parece-nos que, em coerência com sua identidade de Escola Católica, é este o "modelo" mais coerente para o nosso Colégio. Avançando um pouco nesse campo, poderíamos lembrar o relato que os Evangelhos nos fazem do "milagre" da multiplicação dos pães e dos peixes: todos se saciaram porque houve um ponto de partida, que foram os "miseros"

Do "fast-food" à

• • •
“Nós, professores,
temos o que ensinar,
mas também temos
muito para aprender”
• • •

cinco pães e dois peixes oferecidos por uma criança.

Não importa se o que temos a oferecer é grande ou pequeno. Importa que seja colocado na “mesa” e partilhado por todos até que se sintam saciados. O “milagre” não está na saciedade, mas na *partilha*. E a ela somos todos chamados, sejamos professores, funcionários, alunos, ex-alunos, pais ou amigos.

Na nova LDB

Diversos pontos dizem respeito à Família na nova LDB:

“Art. 29 – A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, *complementando* a ação da família e da comunidade.

Art. 32 – O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

(...) IV – o *fortalecimento* dos vínculos de família, dos laços de solidariedade e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Art. 35 – O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração de três anos, terá como finalidades:

(...) III – o *aprimoramento* do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Ora, as palavras grifadas no texto da Lei não o foram por acaso. Precisamos perceber que a escola vem

complementar, fortalecer e aprimorar uma base que já foi dada na família, de modo que o aluno “desabroche” ao longo, ao final ou até depois do tempo passado na escola.

Tais aspectos reforçam em nós a idéia de que educação não é algo a ser “consumido”, mas a ser “partilhado”. Mais que uma relação de “consumo”, supõe uma relação de “parceria”.

E no São Vicente?

Acreditando em tudo o que dissemos acima, deixamos para a reflexão de todos alguns passos conjuntos que nos parecem possíveis neste momento:

1) atentar para os novos tempos e suas exigências: será que a educação que foi “boa” para nós será “boa” para nossos filhos e alunos? Quais de seus elementos devem permanecer? Quais podem responder aos novos desafios?

2) estabelecer uma verdadeira *parceria* entre escola e família: que temos a trazer para a “mesa do saber” e que precisamos retirar dela para nos alimentarmos a todos?

Concretamente, esses dois passos implicam em maior abertura por parte da escola e de seus profissionais, acolhendo as contribuições que os pais tenham a oferecer no sentido da partilha do conhecimento. E maior disponibilidade dos pais em *oferecer-se*, mais do que oferecer alguma coisa, para enriquecer a mesa da partilha.

Feiras, palestras, debates e projetos são espaços que têm se mostrado enriquecidos pela participação de algumas famílias. Mas somos “ambiciosos”, queremos mais e mais essa presença ativa...

Reconhecendo a dificuldade de presença física de alguns, mas sabedores do seu desejo de participação, abriremos outros canais, através da *home-page*, de questionários de pesquisa e outros mecanismos. Não deixemos lugar vazio, nem faltar alimento à mesa...

• • •
“Será que a educação
que foi boa para nós
será boa para
nossos filhos e alunos?”
• • •

Conclusão

Deixamos para esta conclusão o Artigo 1º da LDB, que nos mostra a abrangência dos processos educativos e a conseqüente responsabilidade da “escola-mesa”, que poderá atender às necessidades dos novos tempos:

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

Como se vê, nossas crianças e jovens estão sendo “educados” por muito mais pessoas e organizações que nós. Por isso, temos que nos “acusar” menos e sermos mais “parceiros” e, diria até, frente à ênfase de outros meios (como os de comunicação, por exemplo...) sermos mais “cúmplices”. Nossos filhos e alunos, certamente, serão os maiores beneficiados. Mas nós também o seremos!

Sentemo-nos à mesa...

Coloquemos à disposição nossos “pães” e nossos “peixes”...

E bom apetite!

Artur Motta
Coordenador
Comunitário



“mesa da partilha”

O trabalho em equipe e a autonomia relativa dos alunos do 1º grau

O acompanhamento cotidiano dos trabalhos escolares da minha filha, aluna do 1º grau desta Escola, mobilizou-me a partilhar uma reflexão sobre um assunto muito caro aos alunos, aos pais e aos professores: o trabalho em equipe.

Desde os tempos de estudante tenho uma enorme admiração pelo uso dessa prática nas atividades escolares, pelo muito que ela acrescenta em relação ao trabalho individual, mesmo reconhecendo que ambos cumprem um papel fundamental na aprendizagem. Recentemente, vejo que os trabalhos em equipe têm sido muito utilizados, cumprindo inúmeras finalidades. Eles desenvolvem nos alunos a capacidade de explorar conteúdos a partir da multiplicidade de visões, de fixar conteúdos já ministrados, mas, principalmente, a capacidade de aprender de forma compartilhada e, exercitar regras de convivência em torno de movimentos de aprendizagem, todos proporcionando um crescimento grupal e individual.

Parece claro que o fio condutor dessa atividade é a noção de solidariedade, a qual deve balizar as

...

*Parece claro que
o fio condutor
dos trabalhos em grupo
é a noção
de solidariedade,
a qual deve balizar
as ações dos alunos,
sendo traduzida
em cada processo
da tarefa comum.*

...

ações dos grupos, sendo traduzida em cada processo da tarefa comum. Dessa forma, ela é a mensagem maior que respalda a convivência entre os diferentes. Reconhecendo-a, e incorporando-a à prática dos trabalhos, os membros dos grupos estarão se preparando melhor para o desempenho do seu trabalho profissional ou para a vida em sociedade.

O incentivo ao trabalho de grupo no 1º grau é portanto salutar, mas creio que deve ser seguido de um esforço de contextualização de

pais e educadores, para que venha a se constituir, de fato, numa ajuda ao crescimento e à aprendizagem, numa idade em que as ações em grupo restringem-se apenas às brincadeiras e às vivências familiares e que o exercício da autonomia está começando a se desenvolver.

Na Escola, os trabalhos em grupo pressupõem a apresentação de produtos nos quais devem estar retratadas as possibilidades e dificuldades dos seus membros, sendo o grupo um instrumento para desenvolver as potencialidades, e como tal deve ser explorado. A não observação de alguns cuidados, nessa faixa de idade, pode inviabilizar a boa convivência, frustrando expectativas e desenvolvendo uma atitude de caça ao(s) culpado(s), produzindo um fenômeno oposto àquele que seria desejável à utilização dessa opção de trabalho.

Confesso que resisti à tentação de enumerar sugestões que pudessem soar como regras a serem seguidas, mas pareceu-me necessário trabalhar com alguns pontos para concretizar as ponderações aqui colocadas de forma mais geral. Assim, considero importante dedicar especial atenção à prepa-

ração dessa atividade (professores), desenvolvendo um acompanhamento de todas as suas etapas, explorando o seu potencial enquanto prática pedagógica (pais e professores), atuando como estimulador, dando retaguarda, orientando e corrigindo rumos, e, principalmente acompanhando o desenvolvimento emocional do grupo em torno da autonomia necessária e a dificuldade em exercitá-la, principalmente em grupo.

Nesse sentido, parece importante tomar alguns cuidados e valorizar passos como :

- a escolha das equipes, observando a oportunidade de utilizar o rodízio entre os membros das várias equipes;
- a harmonização entre as tarefas das várias áreas do conhecimento, evitando a concorrência com outras atividades escolares como provas, passeios de estudo, shows, também muito importantes;
- a ajuda pelo professor e pelos pais na escolha dos recortes dos temas, com pertinência pelo seu grau escolar;
- a preparação prévia dos alunos, para ajudá-los a descobrir e valorizar o que é essencial, subordinando o que é complementar e a ilustração;
- a indicação de uma bibliografia mínima, que não invalide a sua ampliação no processo;
- a preparação para os papéis dentro do grupo (de liderança e de cumprimento de tarefas com responsabilidade, sem cobranças arrogantes, patrulhas ou esgarçamento das relações, fazendo bom uso da flexibilidade no acompanhamento da participação de cada um);
- a realização de um monitoramento, por pais e professores, sem sufocar a iniciativa do aluno, mas ajudando-os a explorar melhor as possibilidades das

pautas elaboradas, ganhando tempo para procedimentos mais produtivos do que a “tentativa e erro”.

- a preparação do aluno para buscar as informações autonomamente, explorando a ousadia típica da juventude, a capacidade de descobrir o que temos em cada um de nós, preparando-o também para buscar ajuda e aceitar sugestões, quando necessário.

Imagino que essa lista de questões que me ocorreram nessa primeira reflexão poderá ser ampliada em muitas outras questões, por mães, pais e professores, que já debatem esses assuntos entre si, de acordo com a formação teórica de cada um, ou com o olhar particular sobre o assunto. Não sei se, para todos, o aprofundamento desse tema é relevante, mas pela frequência como essa prática vem sendo utilizada pela Escola, parece-me importante abrir o debate, aprofundar as preocupações de pais e professores, exatamente pelo grau de contribuição que ela

• • •

*O trabalho em equipe
guarda uma
certa identidade
com a atividade
de uma orquestra,
onde a função
do maestro
não prescinde
do aperfeiçoamento
das partes,
mas é fundamental
para o bom desempenho
do conjunto.*

• • •

confere, ao ensino em todos os graus e para a vida.

Finalmente, quero destacar que a complexidade da vida e a característica pessoal de cada pai ou mãe nem sempre permitem um acompanhamento qualificado das atividades escolares dos filhos. Por outro lado, é importante destacar que o deslocamento dos alunos de um lado para outro, em casa de amigos, demanda, na maioria das vezes, o acompanhamento dos pais ou responsáveis, em tempos nem sempre equacionáveis entre as suas funções, penalizando as crianças em sua participação. Essas são duas, entre as muitas razões, que indicam a necessidade de que as tarefas sejam bem preparadas pelos alunos, ainda no âmbito escolar, valorizando o uso das bibliotecas, com apoio de pessoal especializado, e planejamento adequado com o seu professor, para que a entrada no grupo favoreça a integração.

Para concluir, creio que o trabalho em equipe guarda uma certa identidade com a atividade de uma orquestra, onde a função do maestro não prescinde do aperfeiçoamento das partes, mas é fundamental para o bom desempenho do conjunto. Preparar bem a partitura, escolher o melhor arranjo musical para cada obra e assegurar a afinação e a harmonia entre os instrumentos e vozes em cada ensaio e em cada etapa são fatores decisivos para uma apresentação, na qual as diferenças se transformam no trabalho de todos, e na admiração e prazer daqueles que partilham dos seus resultados. A aproximação com os princípios que regem a preparação de uma orquestra e o aprofundamento do debate sobre essa questão podem ajudar a aperfeiçoar essa prática em nossas Escolas.

Tânia Celeste Matos Nunes

Família Vicentina

Sérgio Maia (Coordenador da Pastoral do CSVP)



Reunião em Roma: desafios no terceiro milênio



A XXXIX Assembléia Geral da Congregação da Missão, com o tema “A Família Vicentina no mundo e os Desafios da Missão no Terceiro Milênio”, reuniu cerca de 120 padres, representando as 50 Províncias e Vice-Províncias da Congregação no mundo todo, em julho de 98.

Foi um encontro positivo para se perceber a amplitude e riqueza do carisma vicentino, vivido sob diferentes formas nos vários grupos e para se deixar clara a disposição, o potencial e as possibilidades concretas de uma caminhada de colaboração entre os vários grupos da Família Vicentina.

Rio de Janeiro celebra São Vicente de Paulo

Tudo começou com uma carta recebida em maio deste ano, assinada pelo Pe. Robert Maloney, Superior Geral da CM., Irmã Joana Elizondo, Superiora Geral das FFC, César Nunes Viana, Presidente Geral da SSVP, e Patrícia Palacios Nava, Presidente Internacional da AIC, com o seguinte apelo e proposta:

“Como nos anos anteriores, vamos começar já a programar e preparar o dia de oração comum da FAMÍLIA VICENTINA?! Que esta iniciativa seja preparada com boa antecedência e realizada por volta do dia 27 de setembro. Em cada local ou região, os vários ramos da FV se encontrem e programem este acontecimento, que (...) seja um encontro de fato vicentino e comunitário; sejam convidados os pobres; usem-se textos e músicas vicentinos... São Vicente dizia que a oração é uma fonte de juventude, pela qual encontramos nova vitalidade.”

Este ano, dado ao âmbito maior das comemorações, os eventos não foram realizados em nosso colégio, e sim no Santuário da Medalha Milagrosa e no Colégio Imaculada Conceição.



Congresso da AEC em Porto Alegre

Delegação do Colégio São Vicente de Paulo / RJ, no XVI Congresso Nacional de Educação da AEC – Associação de Educação Católica do



Brasil, realizado nos dias 11 a 15 de outubro de 1998, em Porto Alegre. Na foto, os Coordenadores Maria Cristina Caldas, Solange Gonçalves Borba, Patrícia Mendes Rubim e Sérgio Maia, os professores Marlúcia Silva de Oliveira, Noêmia Bittencourt Cavalcanti, Miguel Carlos Blacutt Lopes, Maria Margarida Cardoso, Edna Gonçalves Cardoso, Maria Celeste da Costa Reis, Neuza de Freitas Bastos, Márcia de Assis Vieira, a funcionária Marly Gomes Corrêa e os alunos Rodrigo Marques Ramos Rocha e Bernardo Graça Couto.

Com uma tradição de 45 anos nesse tipo de evento, a Associação de Educação Católica do Brasil prossegue em sua caminhada, atendendo aos grandes chamados do momento. Como educadores, quais pequenos Davis empunhando um estilingue para enfrentar o gigantesco monstro do neoliberalismo, queremos enfrentar juntos a questão da solidariedade numa sociedade que põe o mercado como ordenador de todas as nossas ações e o lucro e a sobrevivência como valores básicos. Isso faz desta reflexão uma necessidade permanente para os educadores católicos.

Você estará lembrado...



Pe. José Pires de Almeida, diretor do CSVP

10/06 - Manhã de fraco efetivo em matéria de alunos: **Copa é Copa**. Todo mundo elétrico à espera do horário da primeira partida. Quando o Brasil, vencedor da Copa de 94, enfrentará a Escócia – contra a qual temos saído vencedores até o presente. Após as aulas da manhã em estilo compacto, os alunos foram dispensados. Vários televisores permitiram aos funcionários ver o jogo direto, alegrando-se com a módica vitória por 2x1 favorecendo o Brasil. Que venham os outros!

17/06 - O Pe. Almeida acompanha dois alunos da 7ª série, Larissa e Hélder, à Fundação Getúlio Vargas, onde se realiza um **Congresso Internacional de História**. A professora Maria Margarida fez uma exposição sobre o Núcleo de Pesquisas que vem desenvolvendo na 5ª série de cada ano letivo. Seu tema foi a pesquisa que enfocou a Associação São Martinho em seu trabalho com os menores de rua no Rio de Janeiro.

25/06 - O **Conselho Comunitário** reuniu-se na parte da tarde, na Casa Central, com a presença dos Coordenadores Verticais que agem no 1º grau I, no sentido de incentivar as mudanças necessárias. A exiguidade do tempo sugeriu a continuação do mesmo na próxima quinta-feira, no mesmo local.

01/07 - Segundo previsto, deu-se a **Segunda rodada de reflexão**

sobre a LDB. Coordenadores, de um lado trabalhando na sala de TV da Casa Central, representando cerca de 20 escolas. De outro, alunos no auditório, procedentes de vários colégios. A terceira rodada ficou prevista para 13 de agosto no Santo Inácio. É boa evolução!

02/07 - À noite, **feira junina** (ou julina) do supletivo. Várias pessoas presentes que não têm ligação direta com o curso noturno.

03/07 - Na parte da tarde, feriado nacional para **mais uma partida do Brasil na Copa**. Calcula-se a



Festa junina do supletivo

vibração com a vitória mesmo apertada (3x2) contra a seleção do Chile.

Arraiá da união



Alegria, integração, comidinhas, brincadeiras e danças na Festa Junina. Cada curso fez a festa do seu jeito. Vale salientar que neste ano a Festa Junina proporcionou mais um encontro entre a família e o Colégio.

04/07 - À tarde, **feira julina dos pequenos**. ANIMADÍSSIMA. CONCORRIDÍSSIMA. Parabéns aos organizadores, Lauro Basile e CIA.

05/07 - **Festa julina do 1º Grau e 2º Grau**. Ótima frequência e tudo em grande tranqüilidade e digna da moçada. Foi a primeira experiência de uma festa sem bebida alcoólica. Em negativa, debita-se o estouro de duas bombas que, felizmente, só fizeram estampido. Obra de quem?

07/07 - Chega da Editora o nº 56 da revista **A Chama**. Capa colorida, apresentando fotos dos formandos de 97. Conteúdo de muita atualidade, resgatando, para futura memória, os melhoramentos

que se vêm operando no prédio e, mais importante, debatendo e fazendo compreender o sentido das medidas que se vão tomando, como apoio a uma vivência mais consciente de nossa Proposta Pedagógica. Quem ler atentamente, tirará proveito. Parabéns, Diretoria da APM!

10/07 - O Pe. Almeida interrompeu sua presença no Conselho de Classe do 1º ano do 2º grau, para ir ao velório do **Desembargador Carlos Alberto Torres de Mello**, pai de 5 ex-alunos e ex-presidente da Associação de Pais e Mestres, biênio 71/72. A Diretoria do Dr. Carlos Alberto, para os íntimos, "Carlão" caracterizou-se por um sentido de equipe que a transformou em verdadeira família,

continuidade, aliás, com o que já ocorrera na anterior, presidida pelo casal Pougy. Pessoalmente, Torres de Melo, promotor público na época se destacava como animador de ambiente, dotado como era de espírito vivo e comunicativo, tendo, ao mesmo tempo, aliado a grande competência jurídica, um coração de criança. Descanse em paz!

12/07 - O esperado (ou desejado ou sonhado?) **penta** falhou. Mais 4 anos de espera. Mais que isso, esperou Jacó por Raquel... (por 7 anos serviu ao pai dela) e, segundo o velho Camões, "mais servira, se não fora para tão longo amor, tão curta a vida". A França arrebatou, brilhantemente, o troféu. *Allons, enfants de la Patrie...*

Um mergulho nas tradições, lendas, crenças e costumes

Para comemorar o Dia do Folclore (22 de agosto), os *artesãos* abriram suas *oficinas* e mostraram toda a sua habilidade. A meninada ativa, participante, ávida por fazer, e muito jeitosa, dava sinais de que realmente havia absorvido os ensinamentos de pais e avós, que participaram do planejamento e da Festa do Folclore. Diante do torno, as crianças criavam peças de barro. Crochês e tricôs foram tecidos com perfeição. Produziram pipas e objetos de sucata. Sem contar as delícias preparadas, como os biscoitos em formato de coração... A festa teve ainda oficinas de música, trava-línguas, teatro de verdade,



com maquiagem e tudo mais. Juntos, professores e alunos pularam corda, cantaram cantigas de roda e jogaram peteca. As crianças deram um show à parte ao cantar músicas

folclóricas e dançar frevo. Aplausos também para pais e avós, que contaram histórias, fizeram quitutes saborosos, jogaram, cantaram e ensinaram passos de ciranda.

Como acontece todos os anos, o Comitê Graúna promove campanhas para arrecadar alimentos que são distribuídos a comunidades carentes



03/08 - Reinício oficial das aulas após as férias-recesso do mês de julho. Durante tal período, continuaram as obras da casa. O estuque do 4º andar foi refeito, o ar condicionado central já foi ligado, experimentalmente com pequena carga; a carga total, continua a depender da morosidade da Light em atender ao pedido de aumento de força.

– A **rede de computadores** também se vai completando: o do Diretor já esta materialmente instalado, faltando agora as instruções para o uso conveniente.

04/08 - Belo e imponente cartaz, informatizado, anunciou, desde cedo no 4º andar, a passagem do **Dia do Padre** pela celebração da memória do Santo Patrono dos Párocos, São João Marias Vianney, o Cura d'Ars. O Clero da casa agradece, emocionado.

06/08 - Primeiro Conselho Pedagógico do semestre. Todos os membros presentes, à exceção dos representantes da APM que, desde

o início do ano, não têm mais comparecido.

07/08 - Quando tudo parece estático, surge a novidade. Um grupo de alunos da 2ª série do 2º grau procura a Coordenação Pastoral (Sérgio Maia) para expor suas inquietações com a atual pasmeira vivida por boa parte de colegas, do que é reflexo a ausência de estímulo para o **Grêmio**; até agora nada de movimentação! O grupo em causa intitula-se "**juventude esclarecida**". Que vão fazer? Esperemos pelo melhor.

11/08 - Além de todas as reuniões costumeiras, houve, esta tarde, outra originalíssima: convidados pelas diversas coordenações, cerca de 30 pais (e avós) de alunos da 2ª à 4ª séries compareceram para fazer o resgate das tradições familiares e, assim, ajudarem a preparar a **Festa do Folclore**. Animadíssima a hora que passaram juntos e mais animados saíram eles. Parabéns a quem teve a idéia.

12/08 - O **Comitê Graúna**, atendendo às necessidades dos ex-alunos do Supletivo, desejosos de se preparar para enfrentar o 2º grau em outros colégios lançou o pedido de voluntários no 2º grau. Feita a convocação para virem ao 4º andar falar com Artur, 52 apareceram candidatando-se conforme a matéria da preferência de cada um. Extraordinária resposta! Veremos a continuação do filme. A esmola está parecendo muito grande. De qualquer forma, o gesto já foi significativo.

14/08 - O Pe. Almeida e o prof. Sérgio Maia compareceram à **Abertura dos I JAEC** (Primeiros Jogos da Associação de Educação Católica) realizada na grande quadra de esportes (Ginásio coberto) da rua Barão de Mesquita, Colégio Marista São José. Pena que nossos alunos não tenham podido organizar-se para participar com as outras 25 escolas que compareceram, dando belíssimo espetáculo.

18/08 - Sérgio Maia, com bom grupo de alunos do 2º grau da Juventude Esclarecida, vai ao Santo Inácio para a continuação dos **estudos inter-colegiais** em torno da L.D.B. O grupo se agigantou dificultando a dinâmica. Com o Grêmio (GRECO) vacante, o mencionado J.E. (Juventude Esclarecida) vai agindo e, parece, certamente. Parece também que certa propaganda se vai veiculando e os pedidos de adesão vão aparecendo.

21/08 - Dez coordenadores passam o dia no **Curso sobre a L.D.B.** no



Hotel Glória. Espera-se muito fruto! Foi dispensada a reunião dos inspetores para que a ausência das coordenações não deixasse muitos vazios.

31/08 - Agradável surpresa: a presença entre nós do professor Alcides Restelli Tedesco, atualmente Presidente do **Conselho Estadual Católico de Pernambuco**, vindo ao Rio, por algumas horas para reunião de assuntos de sua área. Tedesco foi um dos grandes construtores de nossa comunidade educacional entre 1964 e 1982 como professor, orientador educacional, coordenador pedagógico sempre e em tudo, exímio educador. Bem-vindo sempre, amigo!

– Regressa ao colégio após proveitosa temporada pedagógica de quatro dias em Curitiba, a professora Marlene Lídia Bluhm, certamente portadora de boas novidades!

07/09 - Como tem acontecido anualmente, boa turma do 3º ano do 2º grau, capitaneada pelo prof. de Geografia Alexandre e, também, pela professora Maria de Lourdes Trindade, excursiona pelo Itatiaia em **missão científica**. Bons resultados!

09/09 - Na falta de uma diretoria eleita, o Greco se apresenta através

do **Conselho de Representantes** e promove em grande forma, belo debate entre seis candidatos de diversos partidos; candidatos a deputados estaduais e federais. A cadeira de sociologia política, com a professora Angela Paiva, patrocinou a iniciativa, com a colaboração de toda a equipe do ICH. Excelente! Sigam-se outras similares.

– Em movimento a **Semana Cultural**, promovida pelo Gregi.

17/9 - No **Conselho Pedagógico**, o coordenador do Supletivo, Prof. José Fernandes, comunica que está em marcha a nova experiência de aulas para ex-alunos do Supletivo, ministrados por alunos de nosso 2º grau. Por ora, um início, mas, sem dúvida, promissor. O professor Artur, que segue de perto todas as atividades extra-classe, vê com entusiasmo o esforço dos “mestres” em preparar suas aulas, por exemplo: de física e química, para torná-las mais agradáveis e acessíveis aos alunos.

18/09 - O Colégio recebeu a interessante **visita de simpáticos xavantes**, vindos ao Rio em número de 20 em gesto de integração cultural por ocasião dos cinquentenário do início do contato da tribo com o homem bran-

co. Deverão apresentar espetáculos de sua cultura. Bem simpático o encontro com alunos das 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental dos quais receberam modesto cachê.

21/09 - Artur recebe o **vídeo da TV Futura** produzido à base da entrevista com alunos de São Paulo e Rio, já comprometida com atividades sócio-educativas; no Rio, os alunos em causa são os do comitê Graúna, em ação junto à Creche Cristo Redentor, no Cosme Velho. É um curta-metragem muito bom para motivar reuniões de formação.

09/10 - Falece, no Hospital São Vicente de Paulo, o **Pe. Alpheu C. Ferreira**, ex-Superior Provincial da PBCM – vitimado pelo câncer de pulmão posteriormente complicado, conservava sempre a esperança de viver. Descanse em paz! Antes de vir para o Rio como Economista Provincial, o Pe. Alpheu fora Diretor do Colégio SVP que a Província mantém em Irati, Estado do Paraná, em convênio com o próprio Estado.

10/10 - Viaja para Porto Alegre a delegação do Colégio São Vicente de Paulo, capitaneada pelo prof. Sérgio Maia, ao **Congresso Nacional de Educação da AEC**. Entre coordenadores, professores e funcionários, formam o belo total de 15, dos quais três vão por conta própria; os demais, com ajuda da Casa. Bom proveito!

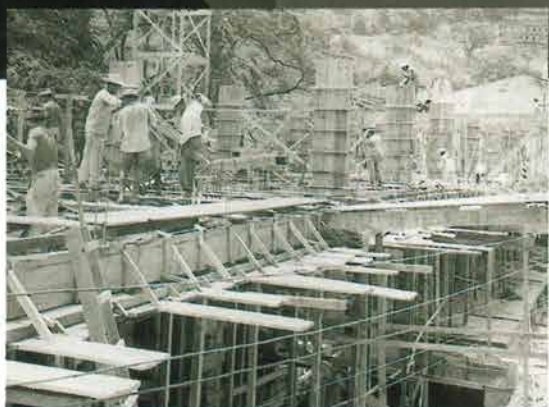
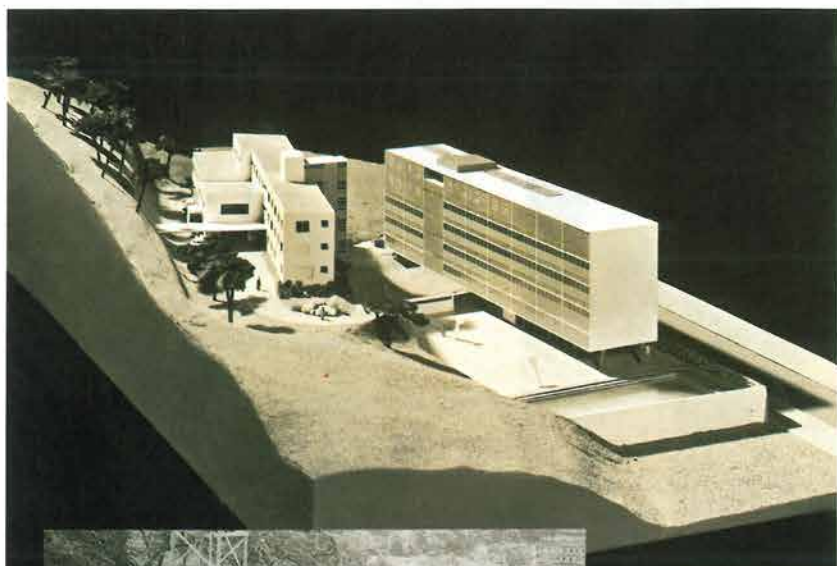
13/10 - No ginásio de esporte foi “resgatado” o **Dia da Criança**, com a meninada a saltar ao ritmo dos contemporâneos e com abundância de sorvete.

19/10 – Nasceu João Pedro, filho do prof. Bira de Química. Parabéns aos familiares!

ESPECIAL

A CHAMA
25
ANOS

Você estará *lembrado...*



1958-59: de pedra em pedra

Ontem e hoje...

1959: Horta no morro, onde hoje é a quadra coberta



1998: Oficina de História em Quadrinhos no computador



1959: Coral do Seminário de Petrópolis, na inauguração do CSVP



1998: Coral infantil no aniversário do Cristo Redentor



1962: Teatro no auditório (Auto de Natal)



1998: Teatro no auditório (Semana de Arte e Filosofia)



1969: Alunos formados,
na entrada do Colégio

1998: Passeata de apoio
aos alunos do CEAT,
na frente do Colégio



1961:
Tarde Esportiva



1998:
Feira de Geografia

...uma viagem
pelo tempo no CSVP



1961: *Show de alunos no auditório*



1998: *Sabadão 98*



1959:
Aula de artes



1998:
*Feira das Linguagens:
contadores de histórias*

Flashes de ontem...



1959: Fred e Carequinha



1960: Ronald Golias e
Carlos Alberto Nóbrega



1960:
Primeiro aniversário
do CSVP

1969: Primeiro presidente da
APM, Cristóvão Leite de
Castro, com a presidente das
Voluntárias, Madeleine
Leitão, e o Pe. Almeida



...e de hoje



Excursão de alunos

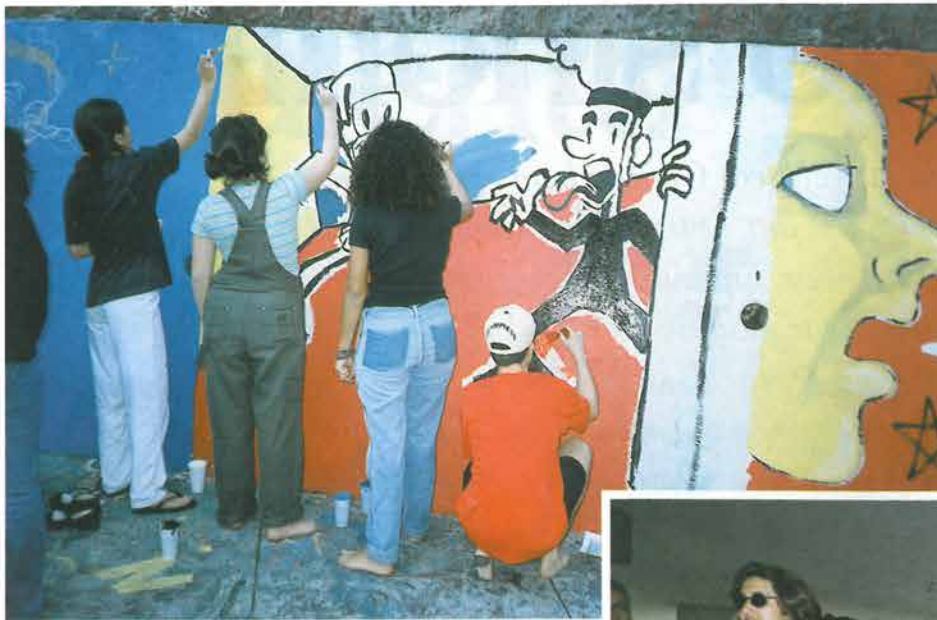


Domingão 98

Sala de artes



*Treinamento
de informática
para
funcionários*



Sabadão 98

Festa já tradicional e sempre animadíssima, o "Sabadão" tem como principal atração a pintura de murais no pátio da escola. Alunos e até funcionários participam com sua arte.



Eles são sinônimos

Iuri Lioi, Danilo Lucas e Mateu Velasco. Guarde bem esses nomes.

Você ainda vai ouvir falar neles um dia. O trio, que estuda há anos no São Vicente, tem mãos abençoadas para desenhar. Em outubro, eles mostraram um pouco do seu talento com a exposição de alguns trabalhos no hall do 4º andar do Colégio.

Quem passou por lá parou para admirar as obras.

A equipe da Chama também viu e se rendeu à habilidade dos garotos.

Conheça quem são esses artistas natos e confira um pouco da sua arte.



Mateu Velasco

18 anos, cursa o 3º ano do 2º grau

Ele não tem a preocupação de guardar seus trabalhos, nem tem aquela “necessidade” de desenhar. Presenteia os amigos e a namorada com muitos de seus desenhos.

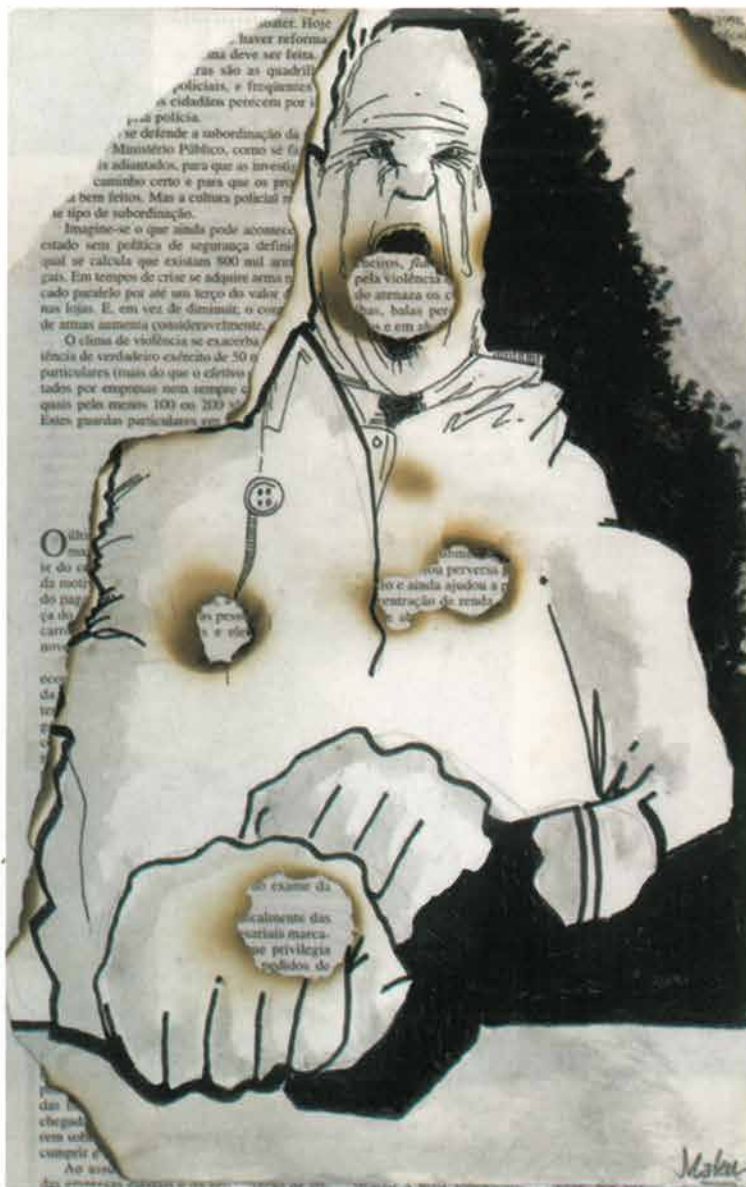
Mateu é um desenhista nato. Sem nunca ter feito cursos de desenho, ele começou a dar mostras do seu talento quando era criança. “Minha mãe incentivava, me dava revistas em quadrinhos.”

Charge, cartum e caricatura são os tipos de trabalho de que mais gosta. “Prefiro utilizar as técnicas de colagem e desenhar com nanquim.”

Não é obcecado, no bom sentido, pelo desenho. “Às vezes fico meses sem desenhar. Já fiquei até seis meses sem fazer nada.” E confessa ainda não ter muita paciência. “Quando começo a desenhar tenho que terminar no mesmo dia, senão desisto.”

Os profissionais que mais admira são Quino, Laert e Angeli.

Para ele, desenhar é mais um hobby. Profissionalmente, Mateu fez outra escolha. “Fiz inscrição no vestibular para Desenho Industrial e Artes Cênicas, porque também gostaria de fazer cenários.”



de talento

Danilo Lucas

17 anos, cursa o 2º ano do 2º grau



Pode-se dizer que o seu talento para o desenho está no sangue. Explica-se: Danilo é filho do chargista Nani, seu grande incentivador.

Danilo começou a seguir os passos do pai ainda criança. “Via meu pai desenhando e fui aprendendo com ele.”

Gosta de criar história em quadrinhos, fazer caricatura e desenho livre.

Desenha sempre quando tem tempo livre. “Se pudesse desenharia o tempo todo.”

O pai Nani encabeça a lista dos profissionais que mais admira, além de Chico Caruso, Angeli e Laert.

Danilo pretende fazer da arte do desenho a sua profissão. “Já comecei a colorir os desenhos do meu pai que são publicados em cor.”

A sua opção para o vestibular já está escolhida: Desenho Industrial.



Iuri Lioi



Iuri Lioi

Dados do Iuri Lioi

Ele tem guardados todos os desenhos que já fez. Alguns cartazes de eventos do São Vicente, que tem a marca assinada por ele, estão pendurados na parede do seu quarto.

Iuri desenha desde criança. "Sempre gostei de desenhar" - diz ele. Autodidata, chegou a fazer um curso de desenho. "Mas era muito fraco e saí. Fiquei uns cinco meses."

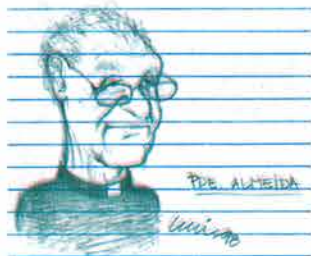
Adora caricatura e prefere desenhar com grafite, mas às vezes também usa lápis de cor.

Para ele, qualquer hora é boa para desenhar. "Se pudesse, passaria o dia inteiro desenhando."

Chico Caruso, o Nani e o Lan são os desenhistas que mais admira.

"Se você quiser seguir carreira nesta área, tem que ser o melhor. É um trabalho muito árduo e não tem a recompensa que merece. Esse tipo de desenho quero fazer como *hobby*."

Iuri não pensa em fazer da arte do desenho o seu ganha-pão, mas vai fazer vestibular para Desenho Industrial. "Tem a ver com o que eu gosto e o campo de trabalho é mais amplo."





Uma câmera nas mãos e mil idéias na cabeça

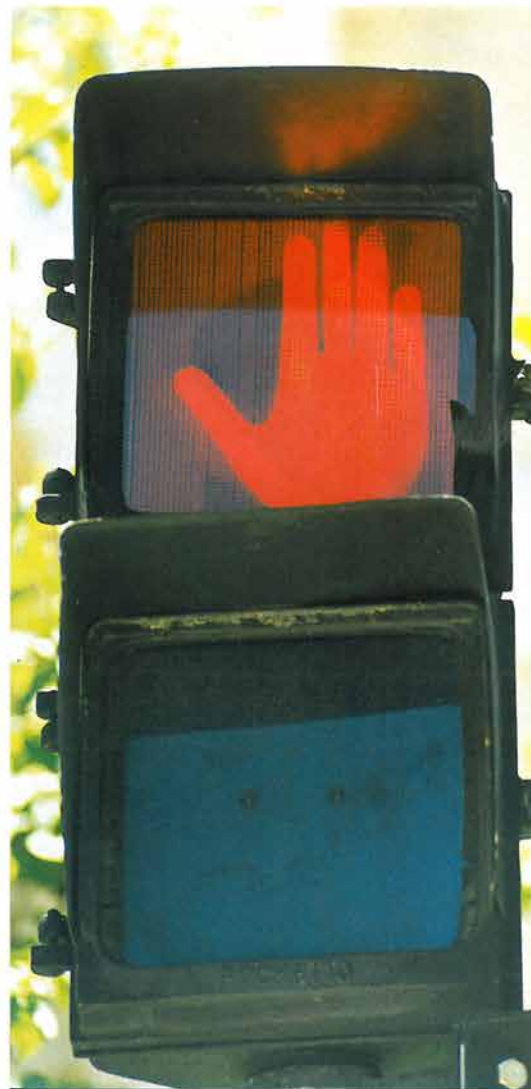
A fotografia sempre foi uma paixão para a aluna **Carolina Pinho**, que cursa a 2ª série do 2º grau. Há um ano e meio, depois que fez dois cursos de Fotografia, ela começou a se dedicar mais a essa atividade.

Natureza e mãos são os temas preferidos de Carolina, que gosta mais de fotografar em preto e branco. Confira alguns de seus trabalhos, que ficaram expostos em outubro no *hall* do 4º andar do Colégio.

Carolina Pinho

ATENÇÃO: PARE!

Não avance
antes de ler
esta página



*Nossa reportagem foi para a frente do colégio
entrevistar alunos que atravessavam a rua.
Os depoimentos falam por si.*

Às vezes respeito o sinal, mas quando demora pra abrir eu normalmente avanço. (Tatiane, 14 anos)

Eu fui atravessar na porta da escola quando aquela mãozinha estava piscando. Só que quando cheguei no meio da rua o sinal abriu e um cara acelerou, aí ele parou e eu passei. (Maria Fernanda, 14 anos)

Às vezes eu atravesso fora do sinal porque na porta da escola não tem sinal. Antigamente, a porta era a outra e tinha um sinal, aí ficava mais fácil. Então, às vezes eu tô com pressa, chegando atrasada então...eu tenho que atravessar, mas eu já corri vários riscos assim. (Mariana, 13 anos)

Só atravesso no sinal de vez em quando. Sempre olho para os dois lados e vejo se tem carro passando. (Alice)

Tem uma garota que é amiga minha, ela estava atravessando e aí ela sofreu um acidente, ela se machucou mesmo. Ela tava na frente do colégio aí ela foi atravessar fora do sinal e não viu o carro que tava saindo da calçada e atropelou ela. (Maria Fernanda, 14 anos)

Eu venho a pé, porque moro aqui pertinho. Às vezes não respeito o sinal porque a gente quer atravessar rapidinho pra comprar bala, aí a gente vê que não vem carro e corre. (Nina, 11 anos)

Nem sempre respeito o sinal porque o ônibus me deixa ali e se tiver fácil eu atravesso. Só atravesso quando não tá vindo carro. Eu não sou maluco pra morrer atropelado. (Heitor, 14 anos)

Às vezes eu atravesso fora do sinal porque não tenho paciência pra esperar, mas só quando não tem carro passando. (Manoela, 12 anos)

Não atravesso sempre no sinal, porque o sinal é muito longe e demorado. Quando não tem carro passando pela rua, eu atravesso. (Vitor, 12 anos)

Às vezes atravesso fora do sinal, quer dizer, quase sempre, mas olho para os dois lados para ver se não vem carro. (Raquel, 11 anos)

O trânsito aqui na frente é muito turbulento, podia melhorar, podiam colocar um guardinha aqui na fente. (Augusto, 15 anos)

Sempre respeitamos o sinal. Eu pediria que as pessoas respeitassem também, porque quem não respeita não é pai, a verdade é essa. (Mônica, mãe)

Já colocaram aquele guarda ali na porta do Sion, mas não adiantou pra gente porque o pessoal atravessa aqui na frente, quer dizer falta um sinal aqui. (Rafael, 15 anos)

Estudo há seis anos, nem sempre atravesso no sinal, eu olho para os lados e veja quando não vem carro. Uma vez, quando passou uma pessoa muito rápido, ultrapassando o sinal, levei um susto e voltei. (Gregório, 15 anos)



Na hora do *rush*, o trânsito fica um pouco complicado, mas depois melhora. Sempre peço aos alunos que atravessassem somente no sinal. Quando vejo alguém atravessando fora da faixa, chamo atenção.

(Marcelo, auxiliar de disciplina do CSVP)



Trânsito ou transgressão: educando para a cidadania

Certamente há diferenças importantes entre o trânsito das pequenas, médias e grandes cidades brasileiras. No caso da metrópole carioca, com mais de 5.500.000 habitantes e com um território de 1.255 Km², cercada pelo mar, por montanhas e por outros municípios da Região Metropolitana, as condições de circulação urbana são bastante complexas.

Pensando na escala local, parece interessante comentar alguns aspectos da trajetória histórica que ajudam a compreender as condições atuais do bairro do Cosme Velho e dos problemas que envolvem o trânsito em frente ao Colégio São Vicente de Paulo.

Há cerca de 40 anos, quando surgiu o colégio a realidade da ocupação do espaço nesse bairro era bem diferente dos dias atuais. A circulação de veículos e pedestres era menor, assim como os índices de violência urbana. Entretanto, a partir da construção do túnel Rebouças, no final dos anos 60, muitas coisas se modificaram, principalmente na configuração da Rua Cosme Velho e do seu entorno. A contínua expansão urbana em direção à Zona Sul afetou muitos bairros que se tornaram "bairros de passagem". Entre estes, encontra-se o Cosme Velho, cuja via principal passou a interligar o centro da cidade às áreas de ocupação mais recente, através do Rebouças.

O quadro se agrava ao se verificar que a Rua Cosme Velho, artéria principal do bairro, se apresenta como uma ladeira, de mão dupla, em curva, passando por alguns colégios. Portanto, a circulação viária atual expressa uma situação bastante crítica que exige cuidados especiais.

Como lidar com os problemas decorrentes dessas condições? Basicamente, através de duas formas:

- buscando meios técnicos para diminuir a velocidade dos veículos e para

evitar os atropelamentos, que preocupam a todos os envolvidos;

- buscando uma adaptação das condições existentes, através de um trabalho de educação dos usuários, motoristas e pedestres, sobretudo, dos alunos do CSVP.

Esses dois caminhos necessários para enfrentar a situação podem ser trilhados por meio de alguns debates entre os representantes dos órgãos públicos, como a CET-RIO - Companhia de Engenharia de Tráfego, a SMU - Secretaria Municipal de Urbanismo, e os alunos, professores, funcionários, pais, enfim, todos os que convivem no CSVP.

A primeira alternativa diz respeito a uma tentativa de participar do planejamento da circulação viária do bairro. A partir desses debates poderiam ser feitas sugestões e/ou propostas de melhorias no trânsito urbano local. A segunda, refere-se ao questionamento do próprio colégio sobre o ensino e a necessidade de sua adequação ao momento atual. Nos debates pode-se refletir sobre os riscos das condições existentes, e, mesmo propondo-se melhorá-las, deve-se centrar a atenção nos cuidados necessários que alunos e demais usuários precisam ter para garantir a sua segurança física. Nesse intuito, deve-se atentar para o significado dos verbos *transgredir* (passar além de, atravessar, desobedecer, etc.) e *transitar* (fazer caminho, passar, andar, etc.), procurando auxiliar na proposta de educação dos alunos em relação ao trânsito.

Devemos refletir simultaneamente sobre esses dois caminhos, que ao invés de serem opostos são complementares. O tema pode ser tratado pensando-se no binômio *transformação/adaptação* ou *flexibilidade*.



A despeito de todos os esforços que possam ser feitos para solucionar o trânsito local, são poucas as possibilidades de uma mudança significativa nas condições atuais. A cidade do Rio de Janeiro apresenta, no seu conjunto, problemas urbanos muito maiores que o caso acima exposto. Portanto, é fundamental desenvolver-se, de forma cada vez mais aprofundada, uma cultura da cidadania.

Parece óbvio, mas deve-se enfatizar que, para conviver-se em sociedade, torna-se necessário o cumprimento de regras, o respeito às hierarquias, enfim, a educação adequada. E isso pode ser ressaltado nas salas de aula, na convivência dos espaços de uso coletivo do colégio e abranger o mundo extra-muros do trânsito deste bairro em trânsito.

O tema da **educação para o trânsito** permeia o processo educacional, é parte integrante de uma visão de educação. Mas, a abordagem específica pode ser feita através da disciplina de geografia que, ao tratar de cidade, do espaço urbano de um modo geral, traz elementos que podem conduzir a uma discussão sobre esse assunto.

Além disso, a geografia abre a possibilidade de um tratamento mais amplo sobre a educação no trânsito ao envolver a questão da **cidadania**, ainda a ser construída em nossa sociedade.

Carmen Beatriz Silveira

Sinal em frente ao Colégio é fruto de campanha da revista A Chama

“Se você conhece o Brigadeiro Pachá ou alguém de influência no Detran, seu conhecimento pode nos ser útil. Foi solicitado um sinal luminoso para a frente do colégio e o atendimento desse pedido pode depender de uma palavrinha sua.” (Nº 5, junho/74)

“Cinco pais atenderam ao nosso apelo para o Brigadeiro Pachá. Esperamos que o sinal seja colocado o mais rápido possível para tranquilidade de todos.” (Nº 6, agosto/74)

Um cotidiano de infrações e desrespeito à vida

A guarda de trânsito Pereira, que orienta o trânsito nas proximidades do Colégio Sion, conta um pouco da sua árdua tarefa de pôr ordem no caótico vai e vem de pedestres e veículos.



Você presencia muita infração de motoristas aqui?

A mais comum é a conversão no local proibido. Mesmo na faixa de pedestres, os motoristas querem aproveitar o sinal fechado e, com criança atravessando, eles querem fazer o retorno na faixa de pedestres.

Quem respeita ou desrespeita mais o trânsito?

O desrespeito é igual. O ser humano ainda não aprendeu que existem outros seres humanos vivendo no mundo além dele. Tem gente que pensa que está sozinho.

Os diretores da escola te pedem sugestões?

Alguns pedem para organizar a fila dos pais, que muitas vezes estacionam nos lugares dos ônibus escolares. Eles solicitam também para que eu tire os veículos estacionados em lugares errados.

Algum aluno pede orientação a você sobre trânsito?

Alguns pedem na hora de atravessar ou perguntam: -Posso atravessar aqui? Se estiver errado eu digo: - Não, vai para o sinal, atravessa na faixa.

Você gosta desse trabalho?

Gosto, porque além de ser bom, eu gosto de orientar o adolescente. É mais fácil do que orientar adulto, porque o adolescente muitas vezes não sabe que tá errado e quer aprender e o adulto já sabe que está errado e quer persistir no erro.

Você precisa saber... para exigir seus direitos

ACET-Rio – Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro – ligada à Secretaria Municipal de Trânsito é a responsável por tudo que diz respeito ao trânsito na parte de engenharia.

Segundo o responsável pelo trabalho da CET Rio na Zona Sul, Daniel Guerra Crivano, a operação de tráfego cabe à guarda municipal. “Fazemos o planejamento das operações e repassamos para a guarda municipal executar”, explica Crivano.

Apesar do tumultuado trânsito na Rua das Laranjeiras e da existência de diversas escolas no local, a CET Rio não tem projetos para melhorar o trânsito na área. “Já existem sinais”, justifica Crivano. Ele afirma que o órgão mantém, nos horários de entrada e saída de alunos, operadores de tráfego próximo às escolas. “Eram profissionais terceirizados, mas o contrato acabou e, com o corte de verbas, não foi possível manter o serviço”, conta Crivano. E acrescenta: “Atualmente trabalhamos com a Guarda Municipal, cujo efetivo é insuficiente para atender a todas as solicitações.”

Nem tudo está perdido para os insatisfeitos – a maioria – com as condições do trânsito nas áreas que frequenta. A CET Rio mantém dois telefones à disposição da população para sugestões, solicitações e reclamações: 259-6818 e 259-0754. Para quem quiser expressar sua opinião pessoalmente, o endereço da CET Rio é Rua Bartolomeu Mitre, 1297 – Leblon.

Tecnologia no controle de trânsito

Para controlar o tráfego, a CET Rio dispõe de várias câmeras, espalhadas em pontos estratégicos da cidade, que verificam se há alguma irregularidade a ser resolvida.

“Nós temos um departamento, a CTA (Controle de Tráfego por Área), onde ficam todos os computadores e vídeos que controlam sinais e câmeras. De lá, eles podem, por exemplo, interferir no tempo de um determinado sinal”, explica Crivano.

Educação para o trânsito

Várias campanhas de Educação para o trânsito estão sendo promovidas nas escolas. Segundo Crivano, o Secretário Municipal de Trânsito, Coronel Paulo Afonso Cunha, percorre as escolas, quando solicitado, para fazer palestras sobre educação no trânsito.

Durante a Semana do Trânsito, cada coordenador regional da CET-Rio busca apoio das empresas privadas para promover campanhas educativas com exposição de faixas, divulgação de mensagens em painéis eletrônicos e distribuição de folhetos e camisetas. “Nós também estamos à disposição de escolas ou entidades que queiram desenvolver algum tipo de campanha no trânsito”, conta Crivano.

Ele fala ainda de outra opção menos convencional, mas que surte efeito. É o grupo de teatro *Mímica no Trânsito* (tel. 252-4067), que se apresenta em vários locais. “As crianças prestam muita atenção e participam ativamente dessa apresentação”, conta Crivano.

“O Colégio não pode mudar sozinho. Todo o sistema tem que mudar”

Um grupo de alunos do São Vicente decidiu convidar grêmios de outros colégios para debater Educação e essa iniciativa gerou um novo movimento, não só de estudantes, mas também de diretores, coordenadores e professores de várias escolas do Rio de Janeiro.

A Chama reuniu alguns desses alunos – Lucas, Rodrigo, Pedro, Carlos Eduardo, Renato, Bernardo e Fábio – que nos contam, com suas próprias palavras, como o movimento surgiu e como está evoluindo.

Pedro

– Começou aqui nesta sala mesmo, de conselhos pedagógicos, onde toda quinta-feira se reúnem as coordenações, os diretores e o grêmio. Viemos aqui representando o grêmio, eu e mais quatro – Marina, Clara, a outra Marina, Gustavo – e colocamos uma série de problemas que estavam acontecendo no Colégio, como falta de participação dos alunos, a disparidade entre a educação que a gente queria ter e a que era oferecida, e desses problemas todos surgiu a idéia de chamar grêmios dos outros colégios pra discutir. Na primeira reunião, alguns colégios só mandaram diretores, outros mandaram professores e alunos. E isso acabou sendo bom, porque com esse título bem abrangente de “discutir educação” a gente acabou conseguindo coisas bem específicas e chegando na nova Lei de Diretrizes e Bases. Isso resultou na formação de dois movimentos paralelos: um de reuniões de alunos e outro de diretores, com alguns momentos comuns entre os dois grupos.

Rodrigo

– Os Encontros de Educação surgiram de uma necessidade de se debater a nova Lei de Diretrizes e Ba-



ses e os pontos em que ela nos afeta. Nesses debates chegamos à conclusão de que nós praticamente não seríamos afetados. Então, passamos a debater o que vai mudar pra quem vem depois da gente, quem vai entrar agora no 2º grau.

Lucas

– O principal motivo é que não concordamos com a maior parte do sistema de ensino que somos obrigados a seguir, pra fazer o vestibular e entrar em uma faculdade. A maneira como as matérias são abordadas (e quais as matérias ensinadas) é uma tortura, a gente tem que estar vendo até o fim do terceiro ano todas as matérias, independente da área que você vai querer seguir ou não. Na verdade você está estudando só pra ter condição de passar no vestibular e acaba direcionando você pra um estudo pouco útil da

• • •

“Não concordamos com a maior parte do sistema de ensino que somos obrigados a seguir.”

• • •

matéria porque você não gosta do que está tendo que estudar, não tem interesse, só está naquela de decorar e entender o mínimo pra fazer um bom exame. E esse tempo todo você poderia estar se aprimorando nas áreas que tem interesse para chegar ainda mais preparado no curso superior. A gente está perdendo tempo com coisas que depois dessa prova não vão ser mais usadas.

Pedro

– Essa nova lei deu muita autonomia para cada colégio. O docente vai ter muita liberdade. Eu acredito que o São Vicente, que é um colégio muito legal nesse sentido, vai aproveitar a autonomia em prol dos alunos, para uma educação melhor. Então, a gente quis fazer com que esse debate não ficasse restrito aos professores. Quisemos trabalhar juntos mesmo, e trazer pra eles quais são os nossos anseios, quais são as coisas que a gente quer. Quando eu entrei no São Vicente (estou aqui desde a 1ª série), uma das coisas que achei legal foi isso: Você se sente fazendo parte da instituição. Não é uma coisa assim: A diretoria lá e os alunos aqui. E nesse sentido eu acho muito importante a nossa participação, a gente aproveitar pra debater e pra trocar expe-

riências com outros colégios. Então de repente esse movimento é até mais importante pra gente levar a outros colégios essa discussão, pra alguns que não têm experiência de participação dos alunos nessas questões, e conhecer os problemas deles também pra aproveitar da melhor maneira possível essa lei, embora não seja pra gente, mas para os próximos que vierem.

Renato

– Um professor chegou pra gente, na sala de aula, e falou o seguinte: “Olha só, eu nem sei por que estou dando essa matéria pra vocês, porque ela é inútil. Eu estou mostrando um problema e dando a resposta pra vocês. Vocês não estão pensando. No momento em que vocês um dia assimilarem essa matéria e nunca mais esquecerem, tudo bem, vocês aprenderam, mas eu estou fazendo isso aqui pra quê? Pra vocês chegarem no vestibular e saberem, pra mais nada. Isso é inútil pra vocês.

• • •

*“Um professor
chegou pra gente
na sala de aula e falou:
‘Olha só, eu nem sei
por que estou dando
essa matéria pra vocês,
porque ela é inútil’.”*

• • •

Bernardo

– Ele é cobrado pelo vestibular pra ensinar essa matéria, se ele não ensinar, o aluno vai ser de certa forma prejudicado na questão do vestibular. O colégio vai ficar com a imagem pior. O colégio não pode mudar sozinho, todo o sistema tem que mudar, por isso esse debate sobre educação. Eu acho interessante falar também que agora o 2º grau está com seu nome mudado pra “ensino médio”. Isso

quer dizer o seguinte: o indivíduo que faz o 2º grau tem que ser um “indivíduo médio”, ter uma relação média com a sociedade em que vive, saber em que meio está. Eu acho que o ensino como é feito hoje em dia não privilegia esse tipo de comportamento. É muito mais o conhecimento técnico-científico, que é uma herança que a gente tem do regime político do Brasil. Tem professores que chegam pra gente e dizem o seguinte: “Isso aqui foi uma coisa que veio do 3º grau pro 2º grau.” Isso é um absurdo. Nunca uma coisa específica, que tem que ser somente daquelas pessoas que vão seguir uma carreira, pode vir para um espaço onde você precisa aprender um pouco sobre tudo pra se tornar um “indivíduo médio”.

Carlos Eduardo

– Em biologia, a gente começou a dar engenharia genética, que é algo extremamente específico e nitidamente de 3º grau. Eu acho que é interessante saber o que é engenharia genética o que pode ser aproveitado pra gente, o que isso vai mudar em nossas vidas, mas não precisa ser um engenheiro genético que vai trabalhar num projeto quando sair da escola, eu acho que tem um nível de aprofundamento e um fechamento da matéria muito grande. Você não tem o que acontece na vida, que é uma interação. Na vida você não vai ter um problema de física. Você vai ter um problema que vai relacionar várias coisas. Você vai ter que preparar um formulário, aquilo vai envolver português, geografia, história, não vai envolver somente uma matéria, você não vai ter uma prova sobre aquilo.

Fábio

– Pelo menos, a gente sabe que quem tá no São Vicente tem uma coisa que muita gente não tem por aí. É a preocupação não só com o vestibular ou com o que vai fazer da vida, mas com o que tá acontecendo a sua volta.

Entender o caminhar com seriedade

A reunião dos alunos para gravar esta matéria d'A Chama, que contou também com a participação dos professores Artur Motta e Sérgio Maia, foi coordenada pela professora Solange Borba. A seguir, algumas de suas observações durante a entrevista:

– Realmente nunca se pensou tanto em Educação. Acho que o importante é isso. Nós, professores, estamos pensando, os alunos estão pensando, a sociedade está pensando. Essa Lei de diretrizes e Bases serviu para repensarmos toda uma estrutura. Ela não veio como um pacote pronto. Está dando liberdade às escolas de pensarem o seu projeto pedagógico. Agora, a escola tem que tomar decisões que também não podem ser experimentais. Tem que tomar decisões passo a passo, com o envolvimento do aluno, dos pais e dos educadores todos. E a participação dos pais está sendo muito importante. Temos vários professores chamando os pais para que participem desse processo e sejam agentes multiplicadores de toda essa transformação.

– Infelizmente muitos dos nossos alunos fazem o percurso sem seriedade. Não é só estudar para a prova, para passar de ano, aprender para o vestibular, ou pra pegar o diploma e trabalhar. É importante preparar esses alunos para aprender constantemente. O profissional precisa estar sempre se reciclando e aprendendo. Essa é a capacitação verdadeira. É uma capacitação do aluno e também dos pais para perceber esses caminhos. Acho muito importante e difícil o pai vir à escola e cobrar resultados, em meio ao caminhar. A reflexão sobre a educação, sobre a necessidade do aprender, tem que ser na escola mas não somente na escola.

SÉTIMO TEMPO

Um espaço para construção

O Colégio São Vicente sempre teve jornais. Podemos citar o mais recente, o *Expressão Livre*. Mas uma espécie de maldição parece seguir todos esse jornais: eles não passam de poucas edições. No início deste ano, surgiu espontaneamente em nossa turma um jornal de piadas, se chamava *Nuke the News*. Inicialmente, não era mais do que uma folha de caderno arrancada que passava pelos alunos para que estes escrevessem piadas. Com o passar do tempo, esse jornal foi ganhando mais infraestrutura. Tivemos até duas edições especiais.

Como a fórmula estava se esgotando e era um jornal criado na turma, com circulação restrita a esta, resolvemos fazer um jornal mais sério que seria distribuído para todos os alunos do segundo grau. O nome deste jornal seria *Litteratura* (Literatura em Latim) e teria como foco de atenções as artes em geral, um jornal mais *cult*, bem simples, uma folha ofício frente e verso. Na fase de recrutamento de pessoas para nos ajudar a fazer esse jornal, surgiram algumas implicações por parte desses novos membros. Não seria mais válido fazer uma publicação com mais abrangência? Não seria melhor que este jornal fosse um veículo de consciência da juventude, um inimigo contra a futilidade e a alienação?

A decisão tomada foi fazer um jornal de variedades que vão desde esportes e reportagens sobre o colégio até artigos de alunos e professores e cultura.

Uma história particularmente interessante foi a escolha do nome. Ficamos dias e dias pensando até que a inspiração surgiu. O nome *Sétimo Tempo* tem um duplo sentido: mostra como o jornal se propõe a ser mais um tempo, um espaço de construção de conhecimento além de nossos seis normais, assim como é um protesto, já que nossa turma é a única da escola que tem o sétimo tempo de aula.

Infelizmente, estamos enfrentando o mesmo problema dos outros jornais: as pessoas que compõem o *staff* da produção estão rumando para os mares sinuosos e torturantes do terceiro ano e ninguém se prontificou a assumir a nova direção até agora. As pessoas, mais de uma vez convocadas a trazerem artigos, notícias para o jornal, fazem-no pouquíssimo. Esta seria a única forma de manter este jornal vivo. Pensar também é importante e é o que nos faz seres humanos (não podemos nos esquecer disto), e a cultura faz de nós pessoas, cidadãos, poetas.

Vampiros de cérebros

Bernardo Graça Couto

Você já parou para pensar que vive cercado por vampiros que querem sugar seu cérebro? Que quando você se dá conta não há mais pensamento próprio? Você pensa que adora *funk*, que é um ritmo bom. Pois bem, você já percebeu que você só conhece uma dupla? Pensando mais profundamente, você já se deu conta de que só essa dupla aparece no Faustão e no Gugu? Que incrível coincidência! “Será que tem alguma relação?” – você vai pensar. Você deveria pensar se existe algum vampiro e se ele tem nome! Cadê os nossos sambistas, a nossa Bossa Nova? O que tínhamos de melhor agora é secundário. Está esquecido pela mesma população que um dia ovacionou esses artistas! Ao invés disso, agora só se ouve *funk*, pagode e as músicas internacionais! Este vampiro deve estar tão gordo, tão bem alimentado que não pode ser movido de lugar. Você vai deixar que ele se alimente de você também?

(Jornal *Sétimo Tempo*, nº 1, maio/98)

A vida dos alunos está nesse jornal: a piada, os pensamentos, os esportes, os professores, o questionamento. E isto faz do São Vicente de Paulo um colégio de pessoas, e de não parques vestibulandos que não passam de números e matrículas. Expressar suas singularidades, mostrar quem somos e o que queremos do nosso Colégio... este é o propósito maior de existir ainda um sétimo tempo para estudarmos o intelecto, a cultura.

Bernardo Graça Couto e Carlos Eduardo van Hombeek
(Turma 2B)

“Vamos discutir a futilidade. Muitos professores e alunos já tentaram explicar sua origem. A teoria mais interessante é aquela que faz uma volta no tempo para mostrar como a geração de nossos pais tinha inimigos (o regime, o comunismo, os militares) e como isso tudo acabou para nós. Talvez o culpado seja o capitalismo ou o neoliberalismo, até mesmo a educação que nossos pais nos deram, educação essa que vem diretamente da deles e a esta se opõe, como na Literatura. A educação de nossos pais era cheia de repressão enquanto a nossa é a mais liberal possível. Não temos mais o que temer! A autoridade está falida, ninguém se opõe e o mundo é um paraíso. Quando não temos mais inimigos nem preocupações, só nos resta recorrer ao superficial, quase uma solução parnasiana. Vamos ouvir *techno* na boate, vestir roupas da moda e “malhar” na academia, vamos “ficar” para não ter compromisso depois.

O mais sério da falta de compromisso é quando acaba por se refletir no colégio, que é um lugar de aprendizado, ultrapassado, reconhecemos, mas ainda útil. Reclamar da escola? Nem pensar, acontece um debate que visa mudar toda a educação mas a mediocridade da juventude impede que ela participe. Como a mediocridade chega à sala de

aula? Por meio de indivíduos que só querem ganhar nota, não importando os meios escusos que são usados para se alcançar o objetivo. Mais grave ainda é quando chega ao São Vicente, colégio que sempre se orgulhou de lutar exatamente contra tudo isso, mas que não tem mais grêmio.

Existe uma solução: tentar participar, tentar mudar, antes do colégio, o próprio aluno e sua postura no que se refere ao aprendizado. Afinal, só se mudará algo quando os alunos estiverem cientes das falhas e queiram que o colégio fique cada vez melhor.

A iniciativa tem de partir do próprio estudante, lutando por um ensino melhor. Só com debates, intercâmbio de idéias entre os colégios, se pode atingir tal nível. Agora, se na nossa mesquinhez não estamos dispostos a uma mudança individual, só resta esperar para ver o São Vicente se tornar mais um cursinho de vestibular nesse mundo...”

(Trecho de artigo de **Bernardo e Carlos Eduardo** – jornal *Sétimo Tempo*, nº 2, agosto/98)

Sétimo Tempo

#1

Jornal do Colégio São Vicente de Paulo

Maior/98

Aproveitando os 30 anos do histórico mês de Maio de 68 estamos lançando este jornal. É por isso que esta primeira edição tratará desse assunto e da educação hoje e amanhã. Esse jornal é feito com a participação de todos, afinal estamos em um Colégio que prima pela variedade de culturas existentes no seu interior. Cartas, artigos, críticas podem ser entregues para nós da redação ou na coordenação comunitária.

REDAÇÃO

Carlos v. Hombeek
Eduardo Abretta
Mariana Bionfin
Rodrigo Rocha
T' 2B
Thales Eduardo
T' 1A

Agradecemos a todos aqueles que tiveram seus artigos publicados.

O Grande Deserto

Professor Luis Sérgio - História

Você já imaginou o Brasil sem Faustão, Gugu, Xuxa e Carla Perez? Já pensou como seriam tristes as tardes de domingo de milhões de pessoas sem alguém para falar bobagens na telinha, e fazer com que u e milhões riam de si próprios? Agora, pense um pouco e responda: como seria o Brasil sem escolas? Não é preciso muita imaginação. Quantas e quantas pessoas felizes. Nada de probleminhas de matemática e física. Nada de fórmulas químicas que ninguém entende. Nada de história. Prá que história, se tudo já passou? Geografia? Arrgh! Português? Redação? Deus me livre de tantas regras, pronomes, preposições, verbos no presente, passado e futuro. Horário para entrar e sair. Todo mundo fechado dentro de uma sala

assistindo um "cara" lá na frente representando um papel que, quantas vezes na vida, ele já repetiu. Nada disso. Filminho? Não é bem melhor ir ao cinema, comendo pipoca ao lado de

“Aqueles que não conheceram a escola são os beduínos sem camelos desse país, quase um grande deserto, chamado Brasil.”

que m v o c e pode es- colher? Vídeo? Mu ito melhor no sofá de casa c o m c o c a - cola e queijo

quente. E um toddinho? Abaixo a tristeza e viva a alegria! Quer ser alegre? Não vá à escola. Quer fazer alguém feliz? Destrua uma escola por dia. Quebre todas as carteiras. Piche as paredes. Ponha fogo nos livros, cadernos e cadernetas. Ponha prá correr professores e inspetores. Não se esqueça dos diretores. A correr também. Correr faz bem à saúde. Só depende de você. Imagine que a sua obra esteja completa. Nem mais uma escola. Que

diferença. Já pensou? Um deserto a perder de vista com todos felizes assistindo televisão antes e depois da praia. Você lutou e conseguiu construir um deserto. Mas, pense um pouco mais. Ora veja. E os muitos que já viviam no deserto e que nunca conheceram uma escola? Não sabem ler nem escrever. Eles são os beduínos sem camelos desse país, quase um grande deserto, chamado Brasil. Como são felizes, pois já estavam lá, cheios de areia assistindo aos programas domingueiros de televisão. Um último esforço. Pense só um pouquinho: será que eles não gostariam de experimentar a tristeza que você deixou para trás?



Frase do mês:

“O verdadeiro socialismo está na educação para todos.”

Evento	Local	Data
Grande debate sobre educação	Audatório do SVP	5 de junho (sexta-feira) 9:00 - 12:00

ESSE É O ESPAÇO PARA O SEU ANÚNCIO. MANDE PARA NÓS!

Disciplina é

É sempre bom saber o que acham os jovens a respeito das regras estabelecidas pelos adultos. Da avaliação deles é que se pode perceber o grau de entendimento que manifestam sobre as normas vigentes, o que possibilitará aos educadores - pais, professores, chefes de disciplina etc. -

uma boa medida para a manutenção, revogação ou flexibilização do que foi estabelecido.

Importante também é saber como os adultos lidam com as regras, para não patrocinarmos o triste espetáculo das imposições arbitrárias, ou o falso exercício das autoridades desacreditadas.

Se queremos formar pessoas capazes de pensar criticamente, tendo sempre como objetivo maior a convivência pautada no respeito pelo outro, é fundamental ouvir.

Lucília Hess





Você concorda com as regras de disciplina da escola?

Eu acho que a disciplina aqui não é muito rígida, que assim é bom. (Mário - 6ª série)

Eu acho que tá certo, sim. Eu acho esse colégio um dos mais liberais que tem aqui no Rio. (Luís Eduardo - 7ª série)

Acho que tem alguns pontos contraditórios, a postura da Escola tem que estar de acordo com as necessidades do vestibular e ao mesmo tempo tem que ser liberal o suficiente pra acreditar no valor humano de cada indivíduo que tá aqui na escola. Às vezes umas normas são exageradas mas são necessárias. Isso não é culpa da escola. É o caminho que a escola consegue tomar dentro do possível. Eu estou na escola desde a 5ª série do primeiro grau. Eu gosto do ambiente daqui, gosto da relação cultural que a escola tem com o mundo. (Lucas, 1ª série do 2º grau)

Eu acho a escola muito boa, liberal mas algumas vezes alguns alunos confundem a liberdade e aí começam a sacanear. (Bruno - 7ª série)

Eu acho disciplina boa, não é muito puxada, mas também dá pra não fazer besteira. (Gabriel Valente - 7ª série)

Acho que a disciplina às vezes é muito rígida e às vezes não. Se você vier por exemplo com a cor da calça errada você sempre toma uma

anotação. Eu nunca tive problema com a coordenação, eu acho que tem alguns alunos que eles marcam, eles ficam marcando porque são bagueiros. Eu acho o uniforme bonito. (Renan Varella - 7ª série)

Eu acho que o colégio é muito legal mas acho que algumas coisas tem que melhorar. Tem aluno que atrapalha a aula, as coordenadoras dizem que vão tomar uma providência mas demoram muito e eles atrapalham a gente. (Renato - 7ª série)

O que acontece quando alguém quebra a disciplina?

Depende do que a pessoa faz. Se for uma coisa mais leve ele pode re-

ceber uma anotação pros pais assinarem, ou apenas um sermão. Dependendo do que for, ele pode ser até suspenso, aí não sei por quantos dias, um ou dois. (Luís Eduardo - 7ª série)

Acho que a escola já foi mais liberal, a disciplina não era tão severa, mas hoje em dia eles estão cobrando mais a questão de atraso está sendo mais controlada, antigamente se você não quisesse assistir aula você tinha a maior liberdade, hoje em dia a cobrança é maior. (Marina - 3ª série, 1º grau)

Eu acho a disciplina legal porque quando a gente faz alguma coisa errada, eles comunicam com nossa casa. (Luna - 4ª série, 1º grau)





“Nunca fui chamada na coordenação”

Gosto de vir pra escola. Eu brinco, fico estudando e a matéria que eu gosto mais é Matemática. Gosto do uniforme e as cores que eu mais gosto são o branco e o cinza. (Carolina)

Eu gosto da escola, dos professores, do uniforme, e nunca fui chamada na coordenação. (Júlia)

Nunca levei nenhuma advertência, mas já fui conversar com a inspetora, e me senti muito bem lá na conversa. (Laura Joana - 4ª série)

“Já fui chamada na coordenação”

Eu já fui chamada na coordenação porque uma turma tava pichando o banheiro porque tinha tido uma briga lá na sala entre dois grupos de meninas e começaram a pichar o banheiro. Aí nós tivemos que pegar o álcool e limpar a pichação. (Joana)

Eu fui chamada na coordenação pelo mesmo motivo da Joana, eu tava pichando o banheiro. Eu pichei porque estava com ódio das garotas da minha turma, eu falava umas coisas ruins delas, mas elas não sabem ainda. (Estephanie)



Você já recebeu alguma advertência?

Conversa com Maitê e Luna, da 4ª série - 1º grau

- Eu já recebi anotação, eu e ela - diz Luna, apontando para Maitê.
- Eu e ela, completa Maitê.
- Porque a gente entupiu o vaso do banheiro.
- Eu e ela.
- A gente recebeu anotação duas vezes.
- E uma vez foi porque a gente faltou uma aula e a professora só tinha liberado depois, aí a gente foi pra coordenação.
- Vocês duas são o que pode se chamar de duplinha do barullho, não é?
- É!! (As duas respondem juntas).
- E quando as mães de vocês receberam a advertência, o que elas falaram?
- Minha mãe falou pra não fazer mais isso.
- A minha também.

Meus pais foram chamados porque eu estava esquecendo meus trabalhos de casa aí depois que meu pai veio aqui eu comecei a esquecer menos. (Guilherme)

Meus pais já foram chamados na coordenação por causa de uma festa, só que teve uma briga aí teve socos e tapas e sobrou pra mim, porque bateram em mim também. Foi numa festa na escola eu tava assim por perto aí sobrou pra mim, meus pais não acharam certo, porque eles acham que as coisas podem ser resolvidas com conversa e também eu não tive nada com isso. Eu conversei com meus pais eles são meus amigos. (Bruno)

O que você acha do pessoal da disciplina?

Eles são super simpáticos e sempre estão cobrando quando tem al-

guma irregularidade. (Luís Eduardo - 7ª série)

O pessoal da coordenação é legal porque eles conversam com a gente, eles não saem gritando logo com a gente. Tem uns que são chatos, metidos, mas a maioria conversa muito e ouve a gente. (Larissa)

Às vezes eles são muito rigorosos, se você fizer alguma coisa errada eles vão te penalizar, mas isso é o dever deles. Acho que eles estão certos e isso dá resultado. (Gabriel - 7ª série)

Eu acho muito rígidos, comparando com outras escolas. Já fui chamado na coordenação porque tava conversando na aula e fui retirado de sala, eu acho que melhorei bastante e nunca mais fui chamado na coordenação, as minhas notas aumentaram, é eu acho que eu tô melhorando. (Pedro Antônio - 6ª série)

Você é bagunceiro?

Eu já tive uma anotação porque eu esvaziei o pneu do carro de uma professora. (Edgar)

Mas por que você resolveu fazer isso?

- Não sei

(Alguém da turma responde por ele): A gente tava voltando da aula de música, aí ele pegou alguma coisa e começou a esvaziar o pneu.

- Aí eu fui pra coordenação e levei bronca - completa Edgar.

Você é considerado um bagunceiro na sala?

- Não!

- Ele é! Ele é! (Vários colegas falam ao mesmo tempo).

Por que vocês acham que ele faz bagunça?

- Ele é muito esquecido, não faz os trabalhos.

Edgar, você gosta de estudar?

- Mais ou menos, eu gosto de brincar.



Eu acho que o uso do uniforme é uma maneira de controlar quem sai e entra do colégio. (Gabriel Valente - 7ª série)

Estudo aqui há bastante tempo e acho que não é uma coisa essencial usar ou não o uniforme. É uma proposta interessante e que faz parte de um todo que é a proposta um pouco mais liberal do Colégio São Vicente. (Lucas, 1ª série do 2º grau)

Uniforme: sim ou não?

Ah, eu acho que tem que ser obrigatório, mas a bermuda, assim, tudo pode ser liberado, pode vir da cintura pra baixo com o que quiser. (Mário - 6ª série)

Eu não tenho nenhum problema pra usar uniforme. Tem muita gente que faz reclamações, que acha feio, que incomoda, aí acaba vindo pro colégio sem uniforme. (Luís Eduardo - 7ª série)

Eu acho bom porque aí quando a gente fizer alguma coisa a gente vai ter como se identificar. (Luna - 4ª série, 1º grau)

É porque se a gente se perder as pessoas vão saber o colégio que a gente tá, pra identificar também. (Maitê - 4ª série)

Eu acho que é uma proposta liberal da escola não usar uniforme. (Lucas, 1ª série do 2º grau)

Eu acho interessante que a gente venha com o emblema da escola na camiseta pra identificar os alunos daqui, representar o colégio, mas o modelo da camisa e a cor da calça não tem nada a ver, podia ser qualquer cor. (Bruno - 7ª série)

Eu gostaria que o uso do uniforme não fosse obrigatório. Acho que a gente podia usar só uma camiseta branca. (Pedro Antônio - 6ª série)

O uniforme na realidade é uma coisa inútil. Seria mais fácil se cada um usasse a camiseta que quisesse, e não teria problema pra escolher porque quando a gente sai na rua a gente escolhe do mesmo jeito. (Rafael - 6ª série)

Quando deixa de ser obrigatório...

O uniforme é bom porque padroniza um pouco. Foi meio chato no início, quando eu passei a não usar mais, no primeiro ano, aí eu pensava: - Como é que eu vou pra escola? Usei muita roupa de sair pra vir pra escola, mas depois você começa a se adaptar e vem mais esculachada. (Mariana - 3ª série do 2º grau)

No início tinha um negócio assim: "Hoje eu vou por uma roupa bem maneira pra tirar uma onda. Mas, agora já tem três anos que eu estou vindo pra escola sem uniforme, e não tenho mais esse tipo de preocupação. (Mariana - 3ª série do 2º grau)



Tem uma cobrança do meio, assim cobram um pouquinho que você esteja bem vestido, não sei de acordo com quem você é no meio, mas devagar você vai desligando. Eu acho o uniforme muito feio, acho que escolher a roupa é melhor. Cada um tem uma forma de se vestir dependendo da filosofia de cada um. (João Luís - 1ª série do 2º grau)

Eu acho o uniforme chato porque você não pode usar suas próprias roupas, eu não perderia tempo escolhendo porque acho que tem roupas que são pra sair e outras são pra festa e eu ia vir pra escola com qualquer uma que estivesse boa. (Lourenço - 7ª série)

É muito bom ter uniforme porque se você usa uma roupa comum, essa roupa vai começar a ficar gasta e aí se você tiver de vestido pode aparecer a calcinha. (Isabela)

Eu acho bom porque senão entra alguém aqui, que não é da turma, aí colocam ele na sala de aula, ele não tá entendendo nada e fica lá. Daniela - 1ª série do 2º grau)

O que os garotos acham dos *shortinhos* das meninas:

Acho que não tem problema e não tira a concentração porque a gente tem que ver a hora de ficar olhando pras pernas das meninas e prestar atenção na aula. (Mário)

E se o *short* for curto demais?

Demais tira a atenção. (Renan)

Se for muuuuito curto assim, ninguém presta atenção na aula, mas por enquanto não tá tendo problema não, quem vem com *short* muito curto vai tomar anotação. (Renato)

Acho que quando é muito curto fica meio indecente. (Mário)

Eu acho maneiro os *shortinhos* das meninas, eu gosto e não acho que tire a atenção da aula porque todo mundo já tá acostumado. (Gabriel Valente - 7ª série)

Entrevistas feitas por Vanja Heliette

"Disciplina requer integração entre escola e família"

MARLENE FIGUEIRÔA

Trabalha como inspetora no São Vicente há doze anos.



Existem contestações e tentativas de burlar a disciplina? Como vocês atuam nesses casos?

Depende muito, porque tem aquele aluno realmente indisciplinado, mas sempre procuramos chamar a família e trabalhar juntos. Quando a gente percebe que o aluno está com algum problema, seja ele pedagógico ou disciplinar, a gente busca perante a família um apoio, fazemos a nossa parte visando ajudar e ficamos em contato com a família para dar o retorno. Temos resultados muito positivos a respeito dessa prática.

ROSANA PEREZ

Começou como professora de classes pré-escolares, fez pedagogia, orientação educacional e está há vinte e seis anos em educação.



Você sente que a mudança que vem ocorrendo no mundo reflete no comportamento da garotada?

Reflete sim. Cada vez a família tem mais dificuldade de trabalhar com a disciplina eu acho que a família e no fundo o que ela quer da escola é rigor. Eu acho que nesse sentido a família terceriza para escola, exigindo da escola uma disciplina que ela mesma, como responsável pelo filho, não consegue impor.

Acho que esse trabalho é de integração, a escola sozinha não consegue trabalhar, a família também não. Tem que ser um trabalho integrado da escola com a família por isso que aqui a gente trabalha com o responsável, sempre sempre informando sobre as ocorrências de comportamento. É um trabalho muito junto, os responsáveis estão acostumados a telefonar pra saber dos filhos, da frequência, como eles estão, é uma coisa muito integrada. Seria muito difícil trabalhar sozinho.

NINA MARIA CUNHA

Trabalha no São Vicente há dezoito anos



Você percebe uma mudança no comportamento dos alunos de há dezoito anos atrás e os de agora?

É, eu percebo um pouco sim. Eu percebo que os meninos estão com menos limites, com um pouco mais de violência, um pouco de grosseria nas relações entre eles, esses males sociais que têm de uma certa maneira interferido nas relações entre eles, e deles com os adultos também, falta de respeito, e isso tem até levado a escola a tomar umas medidas mais formais. Trabalhamos aqui muito de uma maneira bastante informal, com diálogo constante, mas fomos percebendo que precisávamos ter algumas medidas de maior normatização até para podermos nos entender melhor porque as coisas iam ficando com relações assim tão estressadas que fomos precisando fazer maiores cobranças na organização. Então eu percebo que a escola tem se modificado a partir disso.

A escola não é uma ilha. A gente está recebendo essas influências e vai precisando tomar medidas que facilitem e educando, também alertando as famílias sobre o que está acontecendo porque cada família vê o seu filho de uma forma muito individual. Quando eles entram em um comportamento de grupo as reações às vezes são diferentes. Muitas vezes me dizem: "Em casa ele não é assim, ele é tão afável, é tão doce..." mas na influência do grupo as reações são bem diferentes. A gente precisa às vezes passar essas informações para a família e pedir ajuda no sentido de um maior diálogo em casa sobre os problemas.

Desigualdades MUNDIAIS

Nunca se produziu tanta riqueza no mundo. Mas quase tudo (86%) é consumido por apenas 20% da população.

A tecnologia surpreende a cada minuto com prodígios inimagináveis. Porém, mais de um bilhão de pessoas neste planeta não têm água e comida suficientes para sua sobrevivência.

Os avanços da ciência permitem-nos uma vida muito mais longa e saudável, mas os conflitos armados e a Aids reduzem para 25 anos a esperança média de vida em alguns países, como o Zimbábwe.

A abundância material atinge níveis sem precedentes na história da humanidade, mas estão aumentando as filas dos sem-teto e dos desempregados, inclusive nas nações mais ricas.

Nos Estados Unidos, por exemplo, onde se registra a mais alta renda *per capita*, quase 16,5% da população (mais de 30 milhões) vivem na pobreza e passam fome. Nos doze países mais ricos da Europa e da América do Norte, quase 20% das pessoas são analfabetos funcionais, ou seja, mal conseguem escrever e ler o próprio nome.

O Brasil subiu no *ranking* mundial do desenvolvimento humano, segundo pesquisas da ONU: pulou de 68º lugar para a 62ª colocação (nos três primeiros lugares estão Canadá, França e Noruega). A média geral subiu, mas a desigualdade condena milhões de famílias a um estado de extrema miséria, inclusive nas grandes cidades, nas calçadas dos mais prósperos

shopping-centers. Aqui e em todo o planeta.

O problema do mundo não é pobreza

A Terra é extremamente rica e generosa. O problema real é a **desigualdade**. Qual é a prioridade do ser humano? Continuar alimentando a ilusão de poucos e provocando o sofrimento de muitos? Ou eliminar essa gravíssima injustiça social? As grandes empresas inves-

tem milhões em publicidade, que incentiva o consumismo, que provoca individualismo, endividamento, ansiedade, violência...

Antes que a crise fique ainda mais explosiva e insustentável, é bom ir divulgando o nome de um remédio poderoso, que não depende apenas dos homens que estão no poder, mas sim de cada habitante deste planeta. Algo que pode e deve ser ministrado por todos nós: a **solidariedade**.

Gustavo Barbosa

Preste atenção nesses números!

- A fortuna das **3 pessoas** mais ricas do mundo é superior ao total do PIB (produto interno bruto) dos **48 países** mais pobres.
- Com US\$ 6 bilhões, poderia haver **ensino básico** para toda a população mundial. Gastam-se 12 bilhões de dólares por ano em **perfumes** na Europa e nos EUA.
- Custaria 13 bilhões fornecer **alimentação e saúde básica** aos pobres do mundo inteiro. Europeus e norte-americanos gastam 17 bilhões por ano em **comida para animais domésticos**.
- **Água e saneamento** para todos os seres humanos custariam 9 bilhões. 50 bilhões os europeus gastam em **cigarros**, e 105 bilhões em **bebidas alcoólicas**, a cada ano.
- O mercado mundial de **narcóticos** (narcotráfico) movimenta 400 bilhões de dólares por ano. E as **despesas militares** no mundo chegam, anualmente, a US\$ 780 bilhões.

Dados extraídos do *Relatório Internacional do Desenvolvimento Humano* / 1998, da ONU.
Mais informações: tel. (021) 508-9797 – MultiMais Editorial – ou na *home-page* www.editoras.com.pnud.

Associação de Ex-alunos está de volta!

Não foi nada fácil deixar o Colégio, mas também não foi tão difícil arranjar uma boa desculpa para voltar. A Associação de Ex-alunos está aí, para aqueles que ainda querem manter contato com o São Vicente e aproveitar o espaço que os ex-alunos têm aqui dentro. Enquanto alunos, sempre tivemos várias oportunidades de viver bons momentos e, agora que somos ex-alunos podemos lembrar, voltar e matar a saudade dos bons tempos de São Vicente.

A Associação de Ex-alunos não é novidade, mas esteve sumida nos últimos tempos, apesar da dedicação de alguns ex-alunos. Muitos ainda freqüentam alguns eventos vicentinos, como o Sabadão, a Festa Junina ou a Semana Cultural; ou então participam do coral de ex-alunos. Queremos reativar nossa Associação para que os ex-alunos participem cada vez mais dessas e de outras atividades.

No início desse ano, foi formada uma comissão pró-Associação, integrada por alunos recém formados, que

através da ajuda da direção do Colégio e da APM conseguiu juntar capital para dar novo início à AEXA. Além de participar do Sabadão e da Festa Junina, estivemos junto aos alunos na organização do debate entre candidatos a deputados.

Até o final de 98, estaremos atualizando o cadastro de ex-alunos para facilitar nossa comunicação. Quando estiver tudo em ordem, entraremos em contato com os ex-alunos para, além de promover encontros das antigas turmas, participar das comemorações do aniversário de nosso Colégio. Afinal, os 40 anos de São Vicente se aproximam e nós fazemos parte da história do Colégio.

A Associação de Ex-alunos está de Volta! Espalhe essa notícia. Para nos ajudar com a atualização do cadastro, os ex-alunos podem usar a *homepage* do Colégio para se cadastrarem na AEXA. E quem quiser participar d'A Chama pode mandar seu texto. Este é mais um espaço nosso.

Rafael Rocha Motta

INFORME PUBLICITÁRIO

Como prevenir dificuldades de aprendizagem?

Este questionamento tem sido freqüente, por parte dos educadores e pais. Dois aspectos devem ser cuidadosamente observados: o primeiro diz respeito à atuação dos pais; o segundo é a busca de uma intervenção precoce adequada.

A criança com insucesso na escolaridade carrega um peso relacionado à frustração, que se reflete na família, no professor e no grupo de amigos.

Quando se evidenciam manifestações que interferem no desenvolvimento infantil, é importante buscar a orientação de um profissional especializado.

Há mais de dez anos venho desenvolvendo um trabalho preventivo na área de **fonoaudiologia** junto aos pais e às escolas, com o objetivo de orientar, avaliar e esclarecer questões que interferem diretamente no processo de aprendizagem.

Vânia Farah
Fonoaudióloga



FALA, LINGUAGEM, APRENDIZAGEM E PSICOMOTRICIDADE. ATENDIMENTO PARTICULAR E CONVENIADO EM FONOAUDIOLOGIA PARA CRIANÇAS, ADOLESCENTES E ADULTOS.

CONSULTÓRIOS:

Rua do Catete, 347 / 835 – Flamengo – Tel. (021) 557-0025
Estr. do Galeão, 1035 / 304 – Ilha do Governador –
Tel. (021) 393-9911 – Tel. Celular: (021) 9961-3429

Reflexões sobre e sentimentos EDUCAÇÃO

A educação, afinal, é responsabilidade familiar, comunitária, municipal, estadual ou federal???

Penso que não importam considerações sobre o nível de gestão. O que importa na realidade é o nível da própria educação, que é, segundo nossa Constituição, Dever do Estado e Direito de todos os cidadãos.

Agora mesmo, acabamos de presenciar uma grande campanha para eleições de presidente, senadores, deputados... e todos os discursos, sempre os mesmos, são entremeados com promessas de melhoria da educação em todas as frentes, seja através do aumento salarial de professores (Valorização do Magistério...), de investimentos na infra-estrutura (Construção e reforma de escolas...), de aperfeiçoamento nos métodos de ensino (Recuperação escolar...), no sistema educacional (Ciclos educacionais...) ou o que quer que seja...

Mas com os sentimentos de ceticismo e esperança misturados e dependendo da vontade política dos nossos dirigentes, legisladores e mandatários, fazemos a seguinte pergunta: Será que desta vez a coisa vai???

Talvez ou Tomara que sim... dependendo do sentimento predominante. Alguns índices levantados no Censo 1998 demonstram que o País, bem aos poucos, vai diminuindo a taxa de analfabetismo, o que nos dá uma sensação de pequena esperança (proporcional à pequena queda nos índices...).

...

Enquanto não existir no País uma rede de ensino público que possa proporcionar uma educação de bom nível é importante que possamos e saibamos valorizar as instituições privadas que, apesar das crises e dificuldades, conseguem superá-las e colocar nossos filhos no caminho da real cidadania.

...

O Censo 98 apresenta alguns dados sobre a Região Sudeste, porém, que nos levam a preferir ficar com o sentimento de ceticismo: enquanto São Paulo e Minas Gerais conseguiram diminuir sensivelmente as taxas de reprovação e abandono escolar no ensino fundamental (1ª à 8ª séries), o Rio de Janeiro foi o único estado do país a caminhar no sentido inverso, aumentando a taxa de reprovação (13,2% para 14,4%) e a de abandono (6,8% para 7,4%).

No caso do 2º grau, configura-se a mesma tendência: São Paulo e Minas aumentaram a taxa de aprovação e o Rio de Janeiro aumentou a taxa de abandono (7,9% para 12,8%).

Claro que esses números preocupam, principalmente pela convicção de que a boa educação dos nossos filhos é a melhor herança que podemos deixar-lhes, e só podemos fazer isso enquanto estamos vivos, estejamos céticos ou esperançosos... Pelo menos no nosso caso, País do Colégio São Vicente, podemos, sem dúvida, fazer predominar o sentimento de esperança, já que ainda estamos conseguindo proporcionar uma educação de bom nível para nossos filhos.

Nem todos... já que, como consequência da crise econômica que se alastra por todo o mundo, a inadiplência, em elevado nível, ataca também o São Vicente... e isso é outro ponto de preocupação.

Enquanto não existir no País uma rede de ensino público que possa proporcionar uma educação de bom nível (misturam-se de novo os sentimentos de ceticismo e esperança), é importante que possamos e saibamos valorizar as instituições privadas que, apesar das crises e dificuldades, conseguem superá-las e colocar nossos filhos no caminho da real cidadania, pois eles decidirão os destinos da nação em um futuro não tão distante assim...

Aí predomina um forte sentimento de esperança, neste caso misturado com certeza e confiança, sem nenhum ceticismo para atrapalhar...

Pensemos nisso.

Ricardo Motta

Muito sentimento, alegria e paixão

De vez em quando ouço alguém comentar que “teatro é chato”. Escuto também alguns comentários jocosos sobre a arte teatral, tipo “não vá ao teatro”.

E constantemente vejo atores reclamando da falta de público. Mas como sou da área e completamente apaixonada por teatro, assisto e acompanho a quase tudo o que acontece nesse campo.

O espetáculo é temporal, mas o sentimento que se estabelece ao redor de alguns acontecimentos teatrais é eterno, assim como a paixão de quem se dedica a essa arte.

*Foi com uma sensação de eternidade e de grande vitalidade cultural que saí do espetáculo “Só in cena”, em que a escritora e atriz **Bianca Ramoneda** escancara conflitos e anseios dos jovens (de idade e de cabeça).*

*Saí com um sentimento semelhante quando assisti à peça “Jogos na Hora da Sesta”, encenada pelo grupo “Faz escuro mas eu canto”, do Colégio São Vicente de Paulo, dirigido por **Almir Telles**.*

*Percebi também na entrevista com **Lauro Basile** e sua turma de teatro no São Vicente a formação de um núcleo em que se cultiva um compromisso com o ato teatral: a arte ganha dignidade e declara a necessidade de sua prática.*

Vanja Heliette



Professor Lauro Basile com uma turma de teatro do 1º grau



Professor Almir Telles com o grupo de teatro do 2º grau

Almir Telles



Um oásis de liberdade

Comecei a dar aula aqui em 75, naquele período brabo da ditadura. E o São Vicente era um oásis de liberdade. A gente gritava, era um reduto de resistência.

Em nosso trabalho com os alunos, o primeiro semestre é sempre discussão de temas, cada um vai trazendo um tema. Termina no consenso de que o espetáculo tem que ser mais ou menos aquele. E aí, dentro daquele tema, a gente escolhe o texto de um autor, ou vários textos de autores diversos.

E aí todo ano a gente leva dois espetáculos aqui. Já é quase uma tradição no colégio. O espetáculo do grupo Calabouço e o espetáculo do Faz escuro mas eu canto.

O Calabouço é do 2º grau. São alunos de 15 a 16 anos, mais ou menos, que este ano encenaram *Bertolt Brecht, 100 anos - uma homenagem*.

Nosso método de direção com eles, como grupo, tem um pouco de Brecht. Todo mundo trabalha, todo mundo participa e fica uma coisa na essência já distanciada. Então fica uma coisa muito coerente com o nosso trabalho. E o *Faz escuro* também segue o mesmo caminho. Quando chega no segundo semestre,

não tem feriado. Eles passam o feriado e o recesso trabalhando comigo.

Cria-se aquela paixão em que o ator se vê envolvido e não consegue parar mais, né. Acontece isso aqui.

Tanto que Marcos Palmeira, Moacyr Góes, León Góes, Henrique Dias, Clara Sandroni, Cláudio Botelho, essa gente toda começou aqui, deram os primeiros passos aqui. Ficaram três, quatro anos e daqui já saíram prontos.

E a gente aprende muito com essa meninada. São pessoas muito talentosas, muito habilidosas.

Faz escuro mas eu canto

Este nome veio da época da repressão. É uma homenagem. É título de um poema muito famoso e de um livro de Thiago de Melo, que foi o início de um primeiro espetáculo do grupo, há 22 anos atrás. A gente fez um trabalho, que era o *Estatuto do Homem* e alguns outros poemas, e como tinha esse texto do Thiago de Melo, ficou o nome do grupo: *Faz escuro mas eu canto*. Como era difícil realmente cantar naquela época, a gente fazia um reduto de resistência aqui.

Já o *Calabouço* foi o primeiro espetáculo do grupo do 2º grau. Foi

uma homenagem a Sérgio Ricardo e Glauber Rocha. É título de uma música famosa do Sérgio Ricardo, muito forte no espetáculo. "Cala boca, cala boca moço." E aí ficou o nome do grupo, *Calabouço*, que foi o nome do primeiro espetáculo.

E aí vem até agora. As coisas mudam, mas não mudam muito não. Cada vez é mais importante a gente dizer. A repressão só muda de nome, mas as repressões continuam as mesmas. Se a gente ficar calado, fica de cabeça baixa e fazendo tudo que eles mandam. Então, a gente tem que ter esses redutos de resistência mesmo, sem dúvida.

O teatro leva o aluno a participar mais na escola?

Quem realmente poderia responder bem essa pergunta seriam os pais ou professores. Os pais sempre vêm me agradecer, mandam cartas para o colégio comentando a abertura do filho, e que foi bom em todos os sentidos pra ele, que é outra pessoa depois que começou no teatro. O teatro em si que oferece essa abertura, essa revelação. É importantíssimo o teatro em qualquer idade. Então, para o adolescente que está descobrindo tudo, é muito bom, muito rico.



Cena da peça Terror e Misérias do Terceiro Reich

Lauro Basile



São onze anos de trabalho aqui na escola. Comecei com duas turmas, modestamente, e de repente no ano seguinte eram quatro, no semestre seguinte sete, e aí, até por motivo de cansaço, eu passei pra seis turmas. É uma atividade extra curricular, mas os pais procuram muito para seus filhos. Já aconteceu de começarmos as inscrições às oito e às oito e vinte já não havia mais vagas.

Qual a mecânica da aula de Teatro?

A gente começa primeiro com exercício de integração, trabalho de corpo, de voz e depois passa para os ensaios do texto. Na realidade, não existe a obrigatoriedade de se montar uma peça. É claro que o desejo de cada um é que, no final, a gente apresente alguma coisa, e geralmente acontece isso, a gente apresenta sempre uma peça.

Temas em estudo: injustiça e impunidade

No semestre passado, a gente começou falando sobre injustiça, então nós fizemos trabalhos escritos, as crianças trouxeram depoimentos de casa, fizeram pesquisa em jornais, se já vivenciaram algum caso de injustiça, até por coincidência nós presenciáramos um caso de uma senhora que estava nua aqui em frente da escola, fomos à janela e ficamos olhando aquela situação sem um mínimo de deboche e discutimos sobre o que leva uma pessoa a ficar naquele estado, qual a participação, a responsabilidade de cada um naquela situação.

Nesse semestre a gente tá trabalhando um texto que a gente tem com bastante humor, que é um texto do Novaes que fala sobre a injustiça mas também fala sobre impunidade.

Trabalho de grupo

Olha, o Teatro é essencialmente um trabalho de grupo, é o que a gen-

te procura, às vezes rolam umas broncas porque a gente cobra responsabilidade de todos os colegas. Por isso que eu digo que é diferente do balé, porque se a professora perceber que o aluno não tá a fim, ela pega e põe outro no lugar; no Teatro não dá pra fazer isso, não tem como substituir o personagem.

Não existe uma cobrança assim em relação ao profissionalismo. Eu sei até que ponto posso ir com cada criança, tem alguns que são muito tímidos e a gente procura trabalhar esse aspecto. Teve uma criança que uma vez falou: - Eu só vim porque minha mãe quis. Aí eu chamei a mãe pra conversar, mas de repente a criança começou a gostar e ficou no grupo. Eu já tive uma aluna que insistiu pra entrar e dois meses depois veio falar: - Lauro, eu vou sair porque descobri que eu gosto mais de assistir do que de fazer. Já teve caso de ter que tirar um aluno por indisciplina. Porque a gente tem que zelar pelo resultado.

*Aqui todo mundo
se ajuda, tem o maior
companheirismo.
(Conrado)*

O teatro faz parte da Educação

Com certeza, essa é a visão que eu tenho, porque eu sou músico terapeuta também, então o que eu vejo é que a Arte exerce uma função terapêutica principalmente quando a gente faz com prazer. Uma vez eu falei pra um aluno:

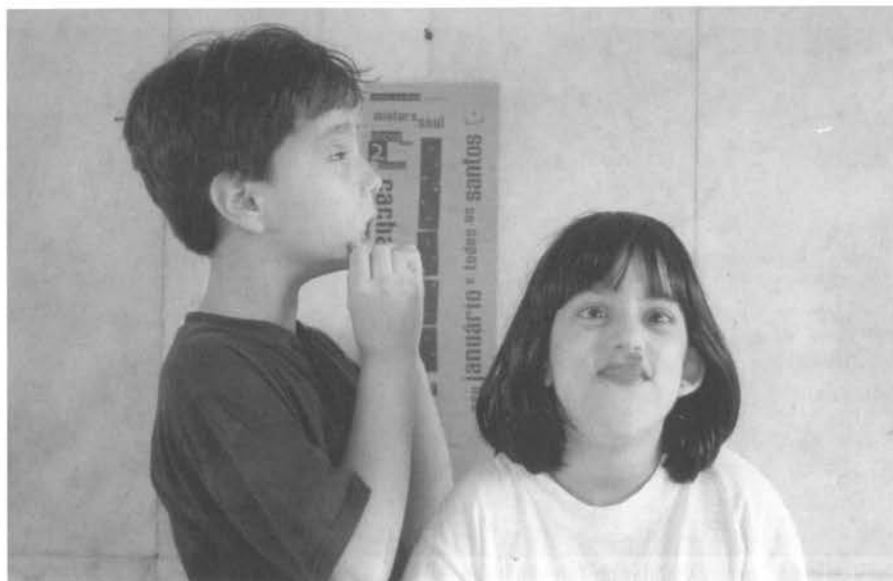
- Vai lá no palco e faz qualquer coisa.

Ele começou a tremer no palco e eu pensei que ele fosse desmaiar, aí ele falou:

- Eu não sei o que vou fazer.

Então respondi: - Pronto, pode descer.

Isso funcionou de uma tal maneira, o garoto melhorou de tal forma, que o pai e a mãe dele também foram fazer teatro depois disso. Ele ficou no grupo e se revelou um excelente ator. Embora o teatro seja extra-curricular, eu procuro saber com os professores em sala o que é que está acontecendo, se o aluno está apresentando alguma mudança, eu procuro também o Serviço de Orientação da Escola para trabalhar essas coisas. Às vezes as crianças choram na aula de teatro porque estão muito mais soltas.



"A gente se abre pra várias coisas, como se vivesse uma vida nova"

Esta é a primeira vez que eu faço teatro, mas está sendo muito importante porque a gente se abre pra várias coisas, como se vivesse uma vida nova. Você vê as coisas de um outro ângulo, aprende a se colocar no lugar das pessoas, vê o que as pessoas sentem. O mais importante para mim foi isso. (Rodrigo Belo, 18 anos, grupo *Calabouço*)

Todas as pessoas deveriam fazer teatro ou uma coisa musical. Para a formação da pessoa é muito importante. Teatro eu comecei no ano passado e tô fazendo a minha segunda peça esse ano. Eu acho que você interpretando outras pessoas, outros personagens, é importante para os problemas que você enfrenta da sociedade. Você vê o seu eu, as suas coisas, os seus problemas e todas as coisas. É muito legal. (Alice Morena, 15 anos, 8ª série)

É o terceiro ano que eu faço teatro. Eu acho que é importante pra gente na responsabilidade, no compromisso de estar aqui, estudar, ter uma responsabilidade grande. O Almir vive dizendo 'vocês aqui na minha aula não são alunos, vocês são atores e vocês têm que respeitar. Se eu falo pra vocês chegarem tal hora, vocês têm que chegar, mesmo que eu não esteja'. A gente é um grupo, a gente tem muito essa noção de grupo, a gente tem que estar junto. (Natália, 15 anos, 8ª série)

Eu acho que você fica mais aberta, não tem medo de dizer certas coisas. Com os professores, inclusive, você tem uma comunicação melhor. (Aline Leal, 8ª série, 14 anos)

Eu tinha muito medo do ridículo. Eu era muito fechado. O teatro abre, você consegue se sentir não só você. (Guilherme, 14 anos, 7ª série)

Eu sempre fui muito tímida, ainda sou, mas o teatro tá me ajudando, tô ficando bem mais aberta, tenho mais amigos, tenho mais coragem de falar as coisas. (Helena Ventura, 12 anos, 6ª série)

Essa coisa de grupo é assim: no palco, se alguém erra, o grupo todo tenta consertar. Isso dá uma coisa de grupo, de concentração, de solidariedade. Você tá com o grupo, você tenta consertar o erro do outro pra coisa ficar legal, pra aquilo que você construiu junto ficar bacana. (Alice)

Fazer teatro é uma experiência muito divertida e legal. Eu era uma pessoa muito tímida e fiquei menos. (Robson, 11 anos)

Desde garoto, minha mãe sempre me incentivou e eu sempre quis entrar no teatro, desde que eu soube que tinha Teatro aqui na escola, só que nunca tinha vaga. Aí outro dia me chamaram porque tava faltando um ator numa peça que era essa mesmo do porquinho, aí eu fui



e acho que me saí bem eu fiquei conhecendo essa figura aí, o Lauro. (André)

Eu estou me desenvolvendo, perdendo a timidez, apresentando, eu nunca faria isso porque eu era muito tímida mesmo, meus pais às vezes comentam isso, na sala de aula de certo modo eu fiquei menos tímida. (Júlia Pareja, 9 anos, 3ª série)

Eu leio a peça inteira, só não leio a parte do autor porque eu já tenho que decorar minha fala. Depois do teatro, eu fiquei um pouco mais agitada. (Ana Maria Carolina, 11 anos, 4ª série)

Já fiz umas sete peças e a que eu mais gostei foi "*Que chapéu sou eu?*" Fiz um cachorro, só um amigo ficou me zoando: ele fica me chamando de "Totó". Quando a gente discute os temas das peças, a gente passa a entender melhor das coisas. (Henrique, 11 anos)

Eu acho bem legal, porque tinha um monte de coisas que eu tinha vergonha e agora não tenho mais. Eu acho que ajuda na memória porque a gente tem que decorar texto, aí ajuda nas outras matérias e as vezes melhora o raciocínio porque em algumas peças a gente tem que desenvolver bastante o raciocínio pra entender o personagem. (Juliana, 3ª série, 10 anos)

Faço teatro há quatro anos e gosto de tudo. Às vezes eu tenho medo de esquecer e já sonhei que esquecia tudo. Foi assim, eu cheguei aqui no colégio pro ensaio, aí de repente falaram que era apresentação, aí eu fiquei sentada e não sabia nada, aí acordei. Eu gosto do público, menos dos pequenininhos, porque eles não entendem a peça. (Maria Eduarda, 14 anos, 5ª série)

Desde a 2ª série e eu gosto muito, minha família me incentiva muito. Na 2ª série me zoaram muito porque meu personagem mexia no nariz toda hora e eles ficavam me chamando de melequinha, coisa assim... (Pedro Góes, 4ª série, 11 anos)

O que vocês mais gostam de ouvir no final do espetáculo?

Os aplausos, ora, os aplausos, claro! (André)

Bianca Ramoneda

Seu texto fala de temas angustiantes e o espetáculo é muito denso em alguns momentos, mas ao mesmo tempo a gente sai do teatro com uma sensação de amor à vida, de confiança no futuro...

Qualquer um de nós, hoje, senta, faz uma lista de dez tragédias e prova que a vida não tem saída, estruturada do jeito que ela está. Então eu achei que se fosse pra fazer isso, não precisava montar a peça. A peça provoca uma reflexão, mas eu não acredito na depressão, eu acredito numa reflexão de alegria. Eu acho que o sofrimento é válido se for para te levar a um outro caminho, não para um sofrimento pelo sofrimento, acho que isso não engrandece em nada. Então minha tentativa é não dar solução pra ninguém, mas apontar dentro de cada espectador, fazer com que ele sinta a possibilidade e resolver fora do teatro, na sua vida, essa possibilidade que ele detectou ali dentro naquelas situações.

Você tem tido muitos jovens em seus espetáculos. Como tem sido esse contato?

Tenho tido jovens, mas, engraçado, não é um espetáculo caracterizado pelo público jovem. É um teatro jovem, mas eu tenho detectado a juventude nas pessoas. Outro dia uma moça de cinquenta anos falou pra mim: "Bianca, eu estou assim boba porque estou achando que eu devo estar adolescente ainda, porque eu estou me identificando com esas questões que você coloca"

Então eu acho que o público que tem vindo aqui é um público que está disponível internamente. É uma juventude nesse sentido, de pessoas que o tempo tá passando e elas continuam se questionando,

esses jovens me interessam. Eu conheço adolescentes que são velhos.

No seu espetáculo a gente vê a casa cheia, o espetáculo do grupo de alunos do Colégio São Vicente também: casa cheia, gente vibrando. Como se explica isso?

Se você for pensar em relação a um *show*, por exemplo, esse nosso teatro está vazio. Eu me pergunto: por que os jovens pulam em um *show* de *rock* e não vêm pular no teatro? Que lugar é esse que o teatro tem? Lógico que o teatro é um lugar de você sentar e assistir, é um lugar de silêncio, mas esse lu-



A gente vive no país dos descamisados. Qualquer profissão é descamisada e o que dá camisa é o coração, é fazer aquilo que o teu coração sente

gar para a platéia jovem está ficando um lugar de chatice.

O que veio primeiro, a atriz ou a escritora?

Na verdade é estar com o carro pra lá e pra cá porque eu sempre tive necessidade de dizer e o palco é como se fosse o papel da cena, então escrever ou falar vem junto, porque se eu estou com uma coisa dentro de mim que precisa sair, e se for às três da manhã, eu vou pegar o papel e vou botar isso pra fora. E se eu tiver um espaço aberto aonde possa expressar isso, vou encenar. As vezes você precisa encenar pra convencer as pessoas de ler. Acontece isso: as pessoas vão ler o livro depois que vêm a peça, porque se encantam. Tem muita gente que vem ao teatro depois de ler o livro. Porque não sai de casa pra ir ao teatro de jeito nenhum, então depende pra quem você tá falando eu acho que esse é que é o desafio: As pessoas perguntam: - Ah, você é jornalista, você é atriz, é escritora, que é que você é? Eu falo: "Eu sou comunicadora, meu desafio é comunicar e eu vou ter que correr atrás disso."

O que é "vestir a camisa"

A gente vive no país dos descamisados. Qualquer profissão é descamisada e o que dá camisa é o coração, é fazer aquilo que o teu coração sente, é o afeto em relação ao teu trabalho, essa é a camisa e sem ela não dá pra andar. Durante um tempo eu trabalhei como jornalista e era muito infeliz; eu fazia um jornalismo burocrático. Hoje eu me sinto muito mais jornalista do que eu era, porque me sinto refletindo e permitindo às pessoas que reflitam sobre nossa condição social, então isso pra mim é jornalismo.



Sem medo de pagar mico

A mensagem que eu quero que fique desse espetáculo é: façam mais, arrisquem mais, sem medo de pagar mico, sem medo de ser cafona. A gente tem muito pudor e eu acho que só quando a gente tiver velho, na véspera da morte é que a gente vai olhar pra trás e vai dizer: - Pô, pra que é que eu tive tanta vergonha, pra que eu tive tanto medo de fazer isso ou aquilo, se na verdade o fim de todo mundo é igual? Acho que a gente tem que ter mais cara de pau e fazer, porque se a transformação não vier através de nossa geração que vai virar o milênio daqui a um ano com questões tão bossais, tão primárias... Se metade dessa galera começar a produzir arte, vai ser obrigado a ter espaço. Eu acho que a gente tem que fazer uma revolução artística mesmo, porque só nesse campo é que o mundo vai começar a respirar. A gente tem

que forçar essa entrada de alguma maneira, se não a estrutura social do jeito que ela tá organizada não oferece espaço pro jovem que quer começar procurando, a gente tem que fazer esse espaço!

“Não é só tacar pedra”

Eu acho que todo jovem tem que transgredir as regras, aliás eu acho que todo mundo tem que transgredir porque você vai vendo quanto as regras estão enfiadas na tua maneira de respirar até, mas também não é transgredir por transgredir, você tem que apontar alguma reflexão, esse tem sido meu compromisso porque se não fica assim: “Ó, vou tacar pedra!” Não é isso, só tacar pedra. Então proponha algum tipo de reflexão, aí a gente vê o que vai acontecer. Porque é muito fácil você ouvir alguém dizendo: “Ah, isso aqui não vale nada, isso aqui é horrível!” Tá bom, também acho, mas como é

que a gente vai refletir sobre isso, que é que você propõe, vamos rir da nossa condição, vamos criticar nossa condição, que é que a gente pode fazer pra questionar a manutenção dessas regras, eu quero saber até que ponto, todos os dias, eu não tô dando continuidade ao sistema, será que eu não posso diariamente mudar as minhas opções e fazer o sistema aos poucos ir se transformando?

Teatro a RS 1,00

Eu faço uma intimação ao público, pra garotada vir aqui e depois do espetáculo poder sentar e debater e conversar sobre essas coisas, sobre o que tiver batido no coração durante a peça, ou depois da peça, o espaço tá sendo dado pra isso e o espetáculo não é caro, meu sonho é fazer teatro a um real, pode vir comendo pipoca, pode vir de bermuda de chinelão, aqui pode tudo, só não pode é não vir.

Olimpíadas 98

As olimpíadas internas são a maior atividade desportiva realizada no colégio, reunindo praticamente todos os alunos. Neste ano, houve algumas novidades: futebol feminino e handebol masculino no segmento de 5ª a 8ª séries; jogos em alguns sábados e um desfile das equipes campeãs do ano passado.

Momentos de puro civismo marcaram as olimpíadas 98, nos meses de setembro e outubro. Para homenagear as turmas vencedoras do ano anterior, foi organizada uma grande solenidade, com hasteamento das bandeiras Nacional e do Colégio, Hino Nacional e juramento olímpico.

“Esperamos que o juramento do atleta que será feito por vocês seja lembrado em cada jogada e que saibamos vencer com cortesia ou perder com humildade e dignidade”, afirmou a professora Rose, em nome da equipe de Educação Física, durante a solenidade.

Confira nas tabelas os resultados da competição.

*“É muito difícil ser um atleta.
É difícil treinar, treinar e sentir
que ainda falta muito para
aprender.*

*É muito difícil enfrentar a
torcida adversária e,
principalmente,
uma contusão.*

*É muito difícil e impossível
vencer sempre.*

*E também é difícil encontrar
um patrocinador.*

*Mas ... para um atleta, só uma
coisa é mais difícil:*

Não ser um atleta!”

*Flavia Velloso -
presidente do GREGI*



RESULTADOS - 2º GRAU

Realizados 18 jogos de futebol, 14 de basquete, 15 de vôlei e 13 de handebol

MODALIDADE	CAMPEÃ	VICE-CAMPEÃ
Basquete masculino	turma 1º A	Turma 2º C
Basquete feminino	turma 3º C	Turma 1º C
Vôlei masculino	turma 2º C	Turma 3º B
Vôlei feminino	turma 1º D	Turma 1º C
Handebol masculino	turma 1º A	Turma 2º C
Handebol feminino	turma 1º A	Turma 1º B
Futebol masculino	turma 3º A	Turma 1º C
Futebol feminino	turma 1º B	Turma 3º A
Xadrez	Patrick - t. 3º A	Felipe Aguiar - t. 1º D

Classificação geral:

Campeã:	turma 1º A com 30 pontos
Vice-campeã:	turma 3º A com 26 pontos
3º lugar:	turmas 2º C com 22 pontos
4º lugar:	turmas 1º C com 18 pontos
5º lugar:	turma 1º B e 1º D com 16 pontos
7º lugar:	turma 3º C com 19 pontos
8º lugar:	turma 3º B com 10 pontos

RESULTADOS - 1º GRAU - 1ª a 4ª SÉRIES

Foram realizados 24 jogos de futebol, 24 jogos de queimado, 8 competições de corrida de obstáculos e 8 de bola ao cesto.

SÉRIE	CLASSIFICAÇÃO	FUTEBOL	QUEIMADO	REVEZ./MASC.	REVEZ./FEM.
1ª série	campeão vice	amarelo branco	Verde Azul	Verde Azul	verde azul
2ª série	campeão vice	azul verde	Branco Azul	Amarelo Azul	azul amarelo
3ª série	campeão vice	amarelo cinza	Branco Amarelo	Branco cinza	amarelo verde
4ª série	campeão vice	cinza azul	Cinza Azul	verde amarelo	azul verde

SÉRIE	CLASSIFICAÇÃO	BOLA AO CESTO/MASC.	BOLA AO CESTO/FEM.
1ª série	campeão vice	azul – Dilan verde – Rafael Luiz	amarelo - Ana Carolina Diniz amarelo - Clara Salim
2ª série	campeão vice	amarelo – Vinícius Felipe azul – Bernardo Lessa	verde - Isabela Travassos azul - Carolina Travassos
3ª série	campeão vice	azul – Marcelo Bruno verde – Felipe Alcântara	azul - Julia Travassos azul - Luciana Costa
4ª série	campeão vice	branco – Gustavo Navarro cinza – Leandro	cinza – Bárbara branco – Luiza Beraldo

RESULTADOS - 1º GRAU - 5ª a 8ª SÉRIES

Foram realizados 24 jogos de basquete, 24 de voleibol, 24 de handebol e 24 de futebol.

SÉRIE	CLASSIFICAÇÃO	BASQUETE		VÔLEI		HANDEBOL		FUTEBOL	
		masc.	fem.	masc.	fem.	masc.	fem.	masc.	fem.
5ª série	campeão vice	52 53	53 52	53 54	54 51	54 52	52 54	51 52	51 53
6ª série	campeão vice	63 61	63 62	61 64	61 64	63 61	61 62	63 61	61 62
7ª série	campeão vice	71 73	74 72	71 74	74 71	71 74	74 72	74 73	73 74
8ª série	campeão vice	83 84	81 83	81 84	84 81	84 81	81 82	84 83	81 83

Classificação geral:

SÉRIE	CAMPEÃ	VICE-CAMPEÃ
5ª série	turma 52 com 38 pontos	turma 53 e 54 com 32 pontos
6ª série	turma 61 com 58 pontos	turma 63 com 40 pontos
7ª série	turma 74 com 58 pontos	turma 71 com 36 pontos
8ª série	turma 81 com 52 pontos	turma 84 com 42 pontos

Sinceros elogios

Embora seja comum mães de alunos cobrarem, cobrar e cobrarem dos colégios de seus filhos, escrevo desta vez para chamar a atenção para um episódio merecedor de sinceros elogios.

Achei fascinante o trabalho desenvolvido (em grupo) pelos alunos da 6a. série - entre eles estava minha filha -, culminando com o teatrinho, apresentado no dia 25 de junho. Não posso deixar de elogiar e chamar a atenção para a grandiosidade do trabalho proposto, executado de uma maneira lúdica e prazerosa pelas crianças. Tomei conhecimento do andamento do trabalho através de minha filha, que me contava minuciosamente cada detalhe, superempolgada. Pude observar, então, como estes pequenos adultos tiveram a oportunidade de pesquisar e mostrar a vida no campo. Brincando, fizeram a pesquisa de hábitos, vestimentas, formas de expressão, problemas enfrentados pelos brasileiros no campo; discutiram as causas e possíveis soluções. Com responsabilidade, escreveram, ambientaram, represen-

taram e sentiram as emoções de um bóia-fria. Com sensibilidade, riram e choraram as nuances entre os diversos tipos de vida. E de quebra ainda, líderes e liderados puderam aprender a se organizar e produzir uma peça de teatro. Tudo isso em um simples teatrinho.

Cada vez mais admiro o trabalho dos professores (e todos os outros profissionais envolvidos) do Colégio São Vicente de Paulo. As crianças engajadas neste projeto não têm idéia do quanto elas aprenderam com este trabalho. E, tenho certeza, vocês devem ter aprendido muito com as apresentações delas também. Por isso, me reservo o direito a uma crítica: por que não apresentá-las aos pais? Adoraria ver o resultado de tanta competência; e talvez seja a oportunidade para nós, pais, descobrirmos, com admiração, esses pequenos grandes filhos. Parabéns a todos.

Obrigada e um grande abraço.

Celia Angelita Vega Miziara

Prezado Pe. Almeida,

Deus conosco!

Recebi, com muito prazer, número de A Chama, periódico deste colégio, a qual, de vez em quando, vem espalhar a sua luz de saudade, de testemunho da perseverança e do valor que esta gigantesca obra da PBCM lhe tem prestado e demonstrado, apesar da crítica da oposição.

Li quase todos os artigos, especialmente no que se refere ao Supletivo, em suas Bodas de Prata. É claro que, na minha ausência de 18 anos, quase não haja mais remanescente do Corpo docente noturno do meu tempo: "as pessoas se vão, mas a obra permanece firme e operosa!"

Além do meu agradecimento pela revista, meu voto de louvor pela redação e organização visual dos artigos e da impressão.

Visita aos Coirmãos
Grato,

Pe. Silvio
Batista Martins
Recife, 26/7/98

Prezado Pe. Almeida
Deus conosco!

Recebi, com muito prazer, o número de "A Chama", periódico deste Colégio, a qual, de vez em quando, vem espalhar a sua luz de saudade, de testemunho da perseverança e do valor que esta gigantesca obra da PBCM lhe tem prestado e demonstrado, apesar da crítica da oposição.

Li quase todos os artigos, especialmente o que se refere ao Supletivo, em suas Bodas de Prata. É claro que, na minha ausência de 18 anos, quase não haja mais remanescente do Corpo Docente noturno do meu tempo: "as pessoas se vão, mas a obra permanece firme e operosa!"

Além do meu agradecimento pela revista, meu voto de louvor pela redação e organização visual dos artigos e da impressão.

Visita aos Coirmãos

Grato
Pe. Silvio Batista Martins, OMI
Recife, 26/07/98

Movimento e meditação com vestibulandos

Neste final de ano tivemos a oportunidade de colocar em prática nosso projeto "Movimento e meditação" com os alunos do pré-vestibular do CSVP. Por sugestão das coordenadoras Cristina Caldas e Solange, e com o apoio da APM, pudemos realizar três encontros iniciais que criaram bons resultados e puderam prolongar-se em mais outros três, a pedido dos alunos. Trabalhamos com movimento, concentração, relaxamento, meditação e direcionamento da energia, e ficamos muito felizes com a resposta alegre, entregue e agradecida dos alunos (em média 18 alunos por encontro). A partir do que aconteceu, encaminhamos propostas mais regulares para o ano que vem, na certeza de estarmos podendo contribuir para uma melhor qualidade de experiência e vida. Realmente valeu a pena, para todos nós.

Ana Christina de Andrade e
Marinela Carneiro Dias
Instrutoras do Coringa Rio Aberto

MODA EM GERAL E UNIFORMES ESCOLARES



L K mil maneiras
de vestir você!



O ensinamento da vida consiste em educar nossos pensamentos e atos, conquistando assim um caminho natural e harmonioso em busca dos nossos ideais.

Rua das Laranjeiras, 7 – Largo do Machado – Tel. (021) 558-4202

Programa de Férias *Young* STB

Young é um programa de férias e estudos do STB para estudantes de 12 a 17 anos. Você conhece uma cultura diferente, estuda inglês e se diverte, ao passar suas férias nos Estados Unidos, Inglaterra, Austrália ou África do Sul.

Inscrições abertas para os programas de janeiro e julho de 1999:

Young USA * Young Australia

Young South Africa * Young England

Faça a sua escolha e Boa Viagem!

STB®
Student Travel Bureau

Mais informações:

Centro: Av. Nilo Peçanha, 50/ 2417

((021) 544 2627

Ipanema: Rua Visconde de Pirajá, 550/SL 201

((021) 512 8577

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

*Faltam os que possuem penetração pela antena, porque falta o Reino de Deus.

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

A CHAMA
OUTUBRO/74 - ANO II - Nº 7

APM DO COLÉGIO SÃO VICENTE EM COMUNICAÇÃO
CEVJR • RUA COSMÉ VELHO 241 • TEL. 285-0812

1º ANIVERSÁRIO

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

MAIO DE 1974 Nº 28

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

Falta de participação dos alunos gera crise no Grêmio Colegial e o deixa sem diretoria desde o início do ano.

Temas de interesse da Juventude vão a debate

Guimarães revela o segredo da boa disciplina

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

S. VICENTE DE PAULO

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

EM JOGO PRIORIDADES
EDUCAÇÃO X FUTEBOL

São Vicente aprova 88,6% no Vestibular

Professor Pires: Educador competente, político hábil

Ginásio de Esportes fica pronto para agosto

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

A CHAMA

ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

ANO V - Nº 21 - setembro 1977

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

"Caros amigos Sem-Terra: estou torcendo por vocês!"

Gratuito: presença ativa na comunidade

MEU LUGAR IDEAL

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

O São Vicente sobe o morro para ajudar os mais pobres

A garra dos Alunos vence barreiras dos Vestibulares

Ans Mestres com carinho Humanizem ao GOLS e JORGE LUIZ

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

Sabado de São Vicente

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

O SÃO VICENTE DEBATEU FORMAS E CAUSAS SOCIAIS DAS VIOLÊNCIAS

CONCRETIZAMOS NOSSA AJUDA AOS MAIS POBRES

ELEIÇÃO E POSSE DOS TRES GRÊMIOS DO COMEÇO DAS SUAS PROMOÇÕES

SUCESSE (DELLATTO) DO 1º CONCURSO "SUA QUESTÃO" PARTICIPE!

EM NOVO CONCURSO VIVA O REGULAMENTO PARTICIPE!

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

A CHAMA

ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

ANO V - Nº 22 - setembro 1977

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

PE. JOSÉ PIRES DE ALMEIDA

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

A CHAMA

ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

ANO III Nº 11 - SETEMBRO - OUTUBRO - 1975

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO

PRO PAPA!

A CHAMA

AGOSTO/74 - ANO II - Nº 6

APM DO COLÉGIO SÃO VICENTE EM COMUNICAÇÃO
CEVJR • RUA COSMÉ VELHO 241 • TEL. 285-0812

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo - São Vicente de Paulo

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO - SÃO VICENTE DE PAULO